

Um manuscrito sobre São Torcato

Entre os livros, que pertenceram a um meu tio-trisavô pela linha materna, Frei António Lobo de Souza, de Vieira do Minho, conhecido na minha família como «o Tio Padre-Mestre», egresso do convento de S. Francisco de Guimarães, e em cujo espólio muitos livros se contavam, infelizmente dispersos (um dos quais me não tocou, sobre a Filosofia Escotista, e sem êxito promovi fosse estudado na Faculdade de Filosofia de Braga, e é pertença de meu tio José Vasco de Abreu Fonseca) — achou-se um, que me foi atribuído nas partilhas de meus avós maternos (Desembargador Camilo de Araújo Fonseca e D. Virgínia Dejanira de Carvalho Abreu, que também usava, a seguir aos nomes próprios, de Jesus Abreu e Santos), do qual venho dar conta, por amável convite do infatigável investigador Manuel Alves de Oliveira, escritor e publicista emérito, que a minha querida cidade de Guimarães tem a dita de ver há longos anos à frente do seu modelar Arquivo Municipal.

Chama-se ele Perpétuas lembranças do jardim da verdade, oferecidas ao jardineiro da Glória, Torquato Santo, que, plantando flores nos montes da Igreja, cultivando rosas no místico vergel, entre martírios subiu a palma, e colheu frutos na primavera da Graça, triunfando frutífero, e florescendo com fruto entre as suavidades da Glória. Ano 1762. O seu autor é Frei Silvestre da Conceição Xavier, da Ordem de São Francisco, e natural da freguesia de São Torcato de Guimarães, como se vê de páginas 3 e 175. Ao Poverello se refere, por exemplo a páginas 31: meu padre S. Francisco, e a páginas 47: meu santo Patriarcha. À sua Ordem, por exemplo, a páginas 33 e 47, por: minha seraphica religiam.

O livro é escrito num estilo por vezes pomposo, mas ingénuo, e nem sempre de grande correcção. O autor teve a manifesta preocupação de reunir todas as notícias e referências,

de que tinha conhecimento, num repositório histórico, em louvor de São Torcato. Não poucas vezes, entretanto, dá largas à inspiração, e divaga por outros assuntos, quase sempre movido pelo desejo de engrandecer a sua Pátria e a cidade de Guimarães.

A ortografia é, como a dos manuscritos do tempo, algo arbitraria. Pensámos porém que valia mais conservá-la na transcrição, que a seguir fazemos, do que uniformizá-la para o leitor. Só eruditos hão-de consultar o livro; além disso, algumas variantes e formas quiçá estranhas são testemunho dialectal interessante, que não convém desprezar. Desdobram-se em regra as abreviaturas, porém (*).

Do ponto de vista histórico, a obra não é certamente decisiva. Acumula o autor lendas com informações seguras, mas ao menos as primeiras não são produto de pseudo-conclusões científicas, como hoje se usa, ao arrepio dos documentos, e para agradar a *Espanhóis!* Pelo contrário, na mente do autor não havia o que o Professor Mota Pinto disse há pouco ser a maior crise do Portugal de hoje, a crise de identidade. Recordamos as palavras do aliás respeitável intelectual Alberto Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros do regime deposto, de que, sendo Portugal como que uma outra Espanha, por escassas diferenças apresentar (referimo-nos ao Continente Europeu e Ilhas Adjacentes), era por isso que deveria conservar o seu Ultramar! Conhecida a probidade e sinceridade do afirmante, é de lamentar que a chamada Cultura Portuguesa, especialmente a histórica, abandonasse as aquisições científicas do princípio do século e fins do anterior, devidas a um Martins Sarmento, um Alberto Sampaio, um Estácio da Veiga, um Leite de Vasconcelos, um Mendes Correia, um Luís Gonzaga de Azevedo, um Jaime Cortesão e, entre os modernos, um Sérgio Pinto, para não falar de outros que à História dedicaram páginas inestimáveis, como Alfredo Pimenta (**) no que concerne à Idade Média, Moderna e Con-

(*) Seguindo a grafia da última forma da palavra por extenso.

(**) Precisamente o patrono do Arquivo Municipal de Guimarães, cujo pensamento a tal respeito nem sempre foi bem interpretado, escreveu estas linhas incisivas acerca da decantada *Hispanidad*, um dos chavões do absorcionismo espanhol durante o Franquismo (e que lhe sobrevive...):

temporânea: Queirós Veloso, António Sardinha, António Sérgio, etc., e acentuando mais os que puseram em relevo a nossa individualidade nacional portanto. Com efeito, sobretudo a partir de 1940, paradoxalmente o ano dos Centenários . . ., houve toda uma campanha, grata quiçá ao Ditador, no sentido de atacar a verdade sabida, e convencer, não só de que Portugal era um filho da Madre Hispânia, — como Júlio Dantas, logo nas

«Garcia de Resende (*Miscelânea*, 36), formulou a sentença:

«Portugueses, Castelhanos,
não os quer Deus juntos ver».

Pela força não conseguiram, os da Espanha política, absorver-nos. Lamentam-no a toda a hora — os melhores espíritos de lá, temperando a sua mágua com a nossa decadência: sim, eles têm pena de que estejamos independentes — porque somos nós quem sofre com isso!

Porque não conseguiram absorver-nos pela força, tentam fazê-lo pela persuasão, agitando diante dos nossos olhos a jóia falsa da *Hispanidad*. Todos os meios lhes servem: os intercâmbios multiplicam-se; e até ultimamente afinidades ou paralelismos políticos] [*entenda-se*: entre os regimes de Salazar e de Franco] «são argumentos a usar em reforço de velhas pretensões. No problema português não há, em Espanha, discrepâncias de opinião: todos acham bem que predomine sobre a *Castellanidad* e a *Portugalidad* — a *Hispanidad*, com prejuízo da segunda.

Não tendo raízes históricas, ou étnicas, ou culturais, ou afectivas, tal conceito é um absurdo que à força de repetido se torna impertinente» (ALFREDO PIMENTA, *Novos estudos filosóficos e críticos*, Lisboa, 1935, pág. 70).

Para documentar as afirmações do incontestável mestre da investigação histórica, citamos, já de 1952, um trecho de artigo publicado sobre tema nada relacionado com aquele, de LUIS DE HOYOS SALINZ, in *Curso de Conferências — Unidad y variedad del Valle del Ebro* (I, Santander, págs. 100-101), que constitui verdadeira diatribe contra a nossa independência e contra um livro magistral, e em grande parte definitivo, de MENDES CORREIA:

«La frontera franco-española es natural, biológica y cultural [*esquece os Vascos e Catalães franceses... e o domínio da França em Navarra, donde Henrique IV partiu para Paris!*] «en tanto que la luso-hispana es artificial y meramente histórica, aunque otra cosa afirmen los escritores portugueses, aislacionistas que antes del actual bloque ibérico, felizmente creado por la política de orientación geográfica, presentaban a los dos pueblos no solo como diferentes, sino opuestos, con detrimento y aun condenación del español, hasta historiadores de tanta autoridad como el profesor Mendes Correia en su publicación *Raíces de Portugal*.

Olvidemos también — por conveniencia de ambos pueblos — que los portugueses atravesaban España sin mirarla, y muchos de sus escritores

Comemorações, de que era Presidente (!), teve o arrojo de proclamar —, e dela se não distinguia (contra a opinião mesmo de estrangeiros, tal H. Lautensach, por exemplo...), mas era puramente, como Nação, obra de governantes iluminados, que tinham remado contra a maré, e criado artificialmente um país e talvez um Povo! Não temos que estranhar por isso que ressurgja agora o Iberismo dessorado, fruto duma Historiografia positivista, e menos que isso, do século passado, apostada em denegrir Portugal e as suas glórias; agora, sim, que a separação da Europa e da África e Ásia (Goa, Damão, Diu,

saltaban todo el centro de la península para enlazar solamente con los ultrarregionalistas y aun separatistas, no ya catalanes, sino con aquel conato ciertamente ridículo de los valencianistas o levantinos que representaba la revista *El Camó*, de la cual pudiéramos transcribir párrafos de tales torpes desviaciones, reproducidos con fruición por libros y revistas lusitanas».

Certamente que os Reis de Portugal não conseguiram, apesar de ser esse o seu pensamento constante e o Povo lusitano, reunir todos os elementos deste no interior das fronteiras do Reino. Impediu-lho um conjunto de factores, dos quais o principal a política abertamente contrária (e indiferente a motivos religiosos, como no cerco de Badalhouce ou Bada-joz por Afonso Henriques) e o poder militar de Leão e Castela. Mas isso não é argumento algum para negar uma individualidade nacional marcada em todos os campos, como o não é a inexistência de pretensões de expansão territorial do Estado Português, salvo a discreta e por vezes contraditória posição assumida quanto a Olivença, que nos foi arrebatada. Tudo mais, que diz o investigador das *diferenças* dos Povos do Val do Ebro (note-se!), é, além de ridículo, falso.

É poder-se-ia multiplicar exemplos antigos e mais recentes...

Seria para desejar que os escritores portugueses se empenhassem em dar resposta a dislates como os do exaltado espanholista citado, e iembrassem, isso sim, os aspectos autênticos das nossas afinidades: as raízes latinas, a fidelidade ao Cristianismo, a grande Filosofia neo-tomista, a criação do Universalismo, a epopeia dos mares, a geração de vários Países novos pelo Mundo, à semelhança de Roma, e até (porque não?) a coincidência do contributo islâmico e árabe em muitos aspectos da Civilização de cada um. Além dos muitos Portugueses que serviram e servem a Espanha, e dos muitos Espanhóis que, à semelhança de outros *estrangeiros*, não só serviram Portugal, mas se tornaram Portugueses, como a Rainha Santa Isabel, o Bem-Av. Anchieta, o navegador António Saldanha..., para não falar de S. Francisco Xavier, que então, como navarro, ainda era francês. Bastaria que fossem menos ávidos de *intercâmbios*, denunciados por ALFREDO PIMENTA (e sobretudo de condecorações e honrarias), para a seguir não se queixarem dos outros, que tirem as necessárias ilações práticas das suas fraquezas (não já patrióticas, mas *científicas*).

S. João Baptista de Ajudá perdidos já no regime anterior em circunstâncias ainda por esclarecer) fomentou naturalmente essa crise de identidade, de que falou aquele Primeiro-Ministro.

Voltando porém ao nosso Frei Silvestre, o leitor achará por certo algumas notas curiosas no acervo das que ele reuniu neste livro manuscrito, que um apontamento de 1787, a páginas 177, parece indicar ter servido ao seu autor, pelo menos até essa data, de um como álbum de memórias ().*

Seguem-se duas páginas em branco a tal apontamento, e logo um excurso em latim, dedicado ao estudo de vários animais, que é extrato de obra de Frei Agostinho Reglino Ferrariense, logo depois chamado Riglino; e uns versos de Pedro Ângelo, em latim, a páginas 208.

Seguem-se três páginas em branco, e a páginas 212 começa outro excurso, de carácter humorístico, intitulado De Calvis et Piosis (que termina na página 225), escrito porém em português.

De páginas 226 a 231 há, sem título, um índice.

Na página 232, enfim, encontra-se uma nota, que diz respeito ainda ao estudo sobre São Torcato.

O volume é encadernado e in 16.º.

Dentro do mesmo volume anda um caderno sem páginas numeradas, escrito em letra mais moderna, porventura do século XIX, como o inculca o papel, de coloração esverdeada, em contraste com o branco do livro. Desconheço o autor dele. Pode ter sido Frei António Lobo de Souza, como o indica o tipo de letra do manuscrito, — tipo aliás muito corrente na época — sendo a caligrafia excelente. Faltam-lhe as primeiras folhas.

Naturalmente, ao transcrevermos o livro em apreço, reunimos primeiro o que se refere ao nosso São Torcato, e aditamos-lhe o conteúdo desse caderno. O resto irá a seguir, para se ver até em que se entretinham os bons dos Frades, que cultivavam também a alegria do seu Seráfico Patriarca...

Depois da transcrição se anotará o texto, como é óbvio, em referência a este.

(*) O facto de apresentar emendas feitas com tinta diferente e o de certos absurdos ortográficos não só não se compaginarem à inegável erudição de Frei Silvestre, mas irem diminuindo, à medida que a obra se adianta (quicá repreendendo o autor a ignorância do escriba), convencem-me de que se trata de um ditado.

Segue, pois, a transcrição do manuscrito, em que achamos o encanto dum ex voto das nossas igrejas minhotas, no que tem de ingénuo, e, por que não o dizer?, também algumas achegas para o problema da identificação do Santo vimaranense e para a História de Guimarães e seu termo (2).

Não pode evidentemente deixar de nos encantar por igual o amor da Pátria e da sua terra, que Frei Silvestre da Conceição Xavier, O. F. M., patenteia em cada página, sentimentos raros em tempos de inversão e agressão cultural, que se iniciaram, como se vê e sabe, há decénios.

Francisco José Velozo

[Pág. 1]

*PERPETUAS LEMBRANÇAS DO
JARDIM DA VERDADE*

Offerecidas ao jardineiro da Gloria, Torquato Santo, q̃. plantando flores nos montes da Igreja, cultivando rosas no mistico vergel, entre martyrios subio a palma e colheo fructos na primavera da graça, triunfando frutifero, e florecento com fructo entre as suavidades da Gloria.

ANNO 1762.

[Segue-se um ornato]

[Pág. 2] em branco]

[Pág. 3]

(2) Na passagem duma página a outra, seguimos na transcrição, o recomendado por WILHELM BAUER, *Introducción al estudio de la Historia*, trad. do alemão por L. G. de Valdeavellano, 3.^a ed. Barcelona, 1957, pág. 264: — «Se llaman reclamos (*réclame, catch-word*) las palabras o sílabas iniciales de la página siguiente, situadas en el borde inferior de la precedente, y que están puestas para la encuadernación del libro. Debe indicarse también el empleo de estos reclamos» (ou «chamadas»).

PERPETUAS LEMBRANÇAS DO JARDIM DA VERDADE

Estilo foj sempre da devina Providencia eleger pigmeos para pelear contra os Gigantes. Sahio David a campo com Goliat: Iudît contra Holeyfernes: e contra o poderoso Pharaô hum humilde pastor Mojses. Elegeo Christo para pastores da Igreja fundamento da fé, e Princepes do Ceo militante, aos humildes pescadores, homens pobres, falhos de letras, e pouco noticiosos, aos Sagrados Apostolos; mas tudo isso traça do mesmo Senhor para que o mundo viesse no conhecimento da sua infinita grandeza, e mais claramente resplendecesse a sua Omnipotencia. Se David tivera as forças de gigante, a sua victoria, seria effeito da sua valentia. Se Iudit não tivera o ser fragil de hũa mulher senhora, o seo triumpho diriaõ, que foj alcançado pella melhoria das homanas forças. Se os Sagrados Apostolos fossem homens douctos, versados nas letras, experimentados nas sciencias, e peritos nas lingoas, julgariaõ as gentes, que as suas doutrinas eraõ fabulas mentirozas, doutamente fabricadas nos seos engenhos, e que combatiaõ huns homens doutos, com outros tambem letrados; porem vendo que eraõ homens rudes, nescios e sem letras: aqui resplendecia a divina Omnipotencia; aqui mais se clarificava a pureza da verdade; porque verificados estes prodigios vencem os majores doutos do universo.

Elegeo Deos a hum humilde Mojses, que appareceo pastor deante do fogo divino, para tirar do poder de Pharaô os ossos veneraveis do Santo Joseph Casto; ainda estes não estavaõ no poder de Pharaô, porque ainda na escravidam os pessuhiaõ o povo de Deos escolhido; mas estavaõ em opiniaõ de se perderem, com a injusta afflicãõ que este Rej iniquo causava a este povo: mandou Deos hum Mojses falho de eloquencia, humilde, e pouco noticioso; mas como heliotrôpio da verdade, vence a Pharaô, e com o povo livrou o santo corpo. Outro humilde, mais pequeno que Mojses, idiota, e sem eloquencia, o P.º Fr. Sylvestre da Conceiçaõ Xavier, indigno Pregador, Frade Menor Observante da Sagrada Provincia de Portugal, descalço pella profissaõ, e natural desta freguesia de S. Tor-
[pág. 4] Torquato termo de Guimarães se poem em campo contra Pharaô, que mal intencionado quer tirar o corpo do Santo ao povo de Deos: contra Julianno, que com o ornato da

sua falsa historia, quer tirar o corpo de S. Torquato discipulo de S. Tiago ao povo de Portugal, povo de Deos escolhido.

Sera a vara de Moyses a minha penna, as varas dos Magos, que seguiaõ a Pharaõ seraõ as pennas dos sequazes de Julianno; a minha penna sera a minha vara, esta deixara confusas as outras varas; e a major admiraçõ da minha vara, he, que sendo vara de Izopo fragil, creada no humilde dos vales, ha de vencer, e destruir as fortes varas dos cedros produzidos nos altos Libanos; mas nisto mais resplandecera o nosso Santo porque nisto se vera quanto vale o aparente a vista do verdadeiro; aqui se acclamara a major gloria, e honra do nosso Padroeiro, vendo que os mais humildes, e sem letras, quando seguẽ o norte da verdade vencem aos doutos, e scientificos guiados so do proprio engenho, e levados de novidades frivolas. Seguirej eu os Autores de melhor nota, e mais clacicos, guiados da razaõ, e da prudencia: e se tu ó Leitor achares, que as *Perpetuas lembranças do Jardim da verdade*, ou pella frase groceira, e rude portugues ou pella miscellania incluza no vaso das mesmas flores merece menos estimaçã, perdeo o preço em que podia estimarse; adverte que o não faço para tí; porque o meio intento ht dar huã grossa noticia, e certa opiniaõ aos moradores da freguesia do nosso Santo; não a todos; porque entre elles ha muitos doutos que não necessitaõ da minha lemitada sciencia; mas sim para aquelles curiosos, que occupãdose na lavoura nos seis dias, no septimo querem devertirse em ver noticias do thesouro, que occulto tem na sua terra, do seu Padroeiro, que ditozos possuem na sua freguesia he que me occupei; e para mim; porque fiando-me da memoria, me não arrependese de pouco acautelado. Finalmente adverte, que eu não quero tanto a honra nestas flores, como grangear gloria ao nosso Santo: quero salvar hum Santo que ja vive seguro da sua salvassaõ; mas como ainda os Santos, e os mortos se não livraõ das impoladas ondas das lingoas inconstantes, he preciso que hũa grossa e tosca taboa se lance ao mar para salvassaõ destes periclitantes. Honra a Deos, quem imita aos Santos e ama aos [pág. 5] ao proximo, e adverte que seo proximo he o author das *Perpetuas lembranças do Jardim da verdade*. Vale.

El vos illustre Cortesão da Empyrea Curia, eterno morador da celestial Jerusalem, que livre ja do veo terreno collocado em Angelica Hierarchia sem fim gozais da beatifica vizaõ do

summo bem, ultimo objecto da vossa interminavel bemaventurança, posto que suspenso e elevado na contemplação da vista clara de Deos com todo o affecto prostrado vos rogo, que no mejo de tanta gloria, e felicidade vos lembreis deste indigno servo, e devoto affectivo vosso: e se este pio trabalho, que por vossa honra, e credito, tomo contra os vossos emulos, sombras das vossas luzes, zelosos indiscretos de glorias vaãs, vos agrada, e conduz em parte a vossa veneração, e accidental gloria, vos me alcança.j desse amorozo Senhor de que gozais, que à vista de tanta santidade compondo a minha vida, viva na divina graça, e morra no amor divino, e para que vossos devotos, que vos confessão, e todos aquelles de quem vos soes Padroeiro excelso, nesta vida muitos augmentos no espirito, e temporaes, que lhe sirvaõ. em tudo de merecimentos para que felizes logrem a eterna gloria. Amen.

A conhecida devoção com o N[osso] S[anto] o grande concurso de gente de diversas partes, as offertas, e dadivas que humildes lhe tributaõ, o prompto favir que nelle experimentaõ seos devotos me desperta para este pobre engenho, e fraco talento de huã penna fragil tivesse a ousadia de voar ao puro santuario, ao alto pollo da major esphera, movida ao servisso de Deos, e do seo Santo atrahindo do sol hũ rajo, que clara fizesse a nojte escura da menor intelligencia. Confesso, e conheço que para tratar de tam grande Santo he curto o meo engenho, e lemitado o meo talento, mas confio nos merecimentos deste Bemaventurado; e espero que por sua intercessaõ, alumêe Deos meo entendimento para que a falta de meos sentidos, supra a sua virtude, e santa bondade.

Se algem [pág. 6] guem nottar, que sendo natural da sua freguesia, obrigado a sua proteccção, e amparo, louvando, e do modo possível, engrandecendo ao N[osso] S[anto] será movido de paixão natural, a este respondo com S. Gregorio Nazianzeno in Ser. Gorgoniae; quando preguntando de Gorgonia sua Irman disse: *Sororem laudans domestica praedicabo, non tamen quia domestica, ideo falsa, sed quia vero ideo domestica*: por engrandecer a minha Irman não fiquem suspeitosos meos louvores por serem domesticos; porque saõ suas virtudes dignas de louvor por serem verdadeiras. Afronta grande faria eu ao nosso Padroeiro querendo engrandecello com prodigios, e accçens alheas, mostrando nisto que he o nosso Santo pobre de merecimentos e destituido de virtudes,

quando elle foj o 'Alpha das virtudes, e Omega dos merecimentos.

[Pág. 7]

DE COELIS

No principio do tempo em 6. dias creou Deos o Ceo, e a terra e todas as mais creaturas, podendo crear tudo em hum instante; ainda que o Sagrado Historiador Mojzes diç que Deos creara o Ceo, e a terra, pondoos no numero singular: *in principio creavit Deus coelum, et terram*; mas debaixo deste texto devemos nos entender mais que hum so Ceo. S. Paulo foy arrebatado em vida athe o terceiro Ceo; alguns authores lendo que nelle vira S. Paulo os divinos segredos foraõ de parecer que so são tres: o Ceo Aereo, que contem todo o ambito do Ar, athé o ceo das Estrellas: o Ceo Sydereo, que he o das Estrellas, chamado Firmamento: o Ceo Emypreo, que he o terceiro Ceo. Alguns dos Conimbricenses dizem que somente ha hum Ceo, ou hũa Esphera, e que as estrellas estaõ sempre firmes, e os planetas huns mais altos, e outros mais baixos; assim como os peixes no mar, huns no fundo, outros no mejo, e outros em sima. Consideraõ só tres como ja disse, o das estrellas, o do Sol, e o da Lua. Outros contaraõ oito: o Aplane, em que estaõ fixas as estrellas, e os outros sette cada hum do seo planeta. Outros acharaõ serem nove. Outros contaraõ dez; porem a opiniaõ. mais commua, e que seguem muitos philozophos, Astrologos, e outros muitos authores he serem onze os Ceos; todos esphericos, e cóncavos pello interior, de sorte, que os superiores ceos ficaõ mais perto do Emypreo.

O primeiro Ceo, e o mais perto a nos deraõ o nome de ceo da Lua. Ao segundo de Mercurio. Ao terceiro de Venus. Ao quarto do Sol. Ao quinto de Marte. Ao sexto de Jupiter. Ao septimo de Saturno. Ao ojtavo o firmamento, em que estaõ fixas as estrellas, que naõ tem movimento proprio, este he aquelle, de que falla o Propheta no Psalmo 8., e 148. deste falla a veneravel Madre Maria de Jesus de Agreda no livro da Mistica Cidade de Deos 2. part. cap. 4. nº 41. Ao decimo chamaõ Cristalino, ou Aquario por naõ ter estrella alguã; chamaçe Aquario pello quis [?] no Ps. 148. as agoas, que estaõ sobre o Ceo louvem ao Senhor: *Laudate eum coeli coelorum, et aquae omnes, quae super coelos sunt laudent nomen Domini*. Ao

ultimo, ou undencimo Ceo chamaraõ Emypyreo, do qual escreve S. Basilio no Exameron, que o cre- [pág. 8] o creou Deos no primeiro dia; e logo o emcheo de Anjos em grande multidadis S. Dionysio.

Naõ saõ menos as opinioens da distancia que he do Ceo a terra. Dizem o Doutor Montalvaõ, Alfragano, e outros, que ha de distancia do centro da terra athe ao Ceo Movel, ou Cristalino, cincoenta e tres contos, novecentos, e sessenta, e hua mil, seiscentas, e quarenta, e sette legoas. O demonio espirito malevolo, que perdendo a graça naõ perdeo a sciencia, vendo nesta materia a deficultade nas opinioens dos homens, praticando em certa occasiaõ com hum justo, lhe perguntou quantas legoas havia da terra ao Ceo; a esta pergunta respondeo o servo de Deos agudamente: *tu que quando foste precipitado do Ceo as contaste, e mediste as podes referir para tua major pena, para tua confuzaõ*. Dizem alguns Authores, que se se lançasse do ceo hũa pezada bolla, e esta chegaria a terra depois de lançada, passados quinhentos annos. Mujtas saõ nesta materia as opinioens dos homens; mas seguindo eu a dos mais doutos confesso, que se ignora esta distancia: *Altitudinem coeli, et latitudinem terrae, et profundum abyssi, quis dimensus est. Eccles. lib. 1. c. 1.*

Assim como entre as creaçoens dos Ceos a todos excede na perfeiçaõ, e excellencia o Ceo Emypyreo; assim tambem na creaçaõ da terra, ha terras, que excedem as outras na bondade. Em quatro partes está o mundo dividido sc. Europa, Asia, Africa, e América; mas destas quatro partes a Europa he pellos Authores acclamada por melhor, merecendo esta acclamaçaõ por duas causas: a primeira pella dita, que teve quando padeceo Christo no Calvario, ficar virado para a Europa, como para terra muito de seo agrado, dis Mancio lib. 5. difirent. 2. sobre o Genes. 1. 22.: *Dominus videt: onde dis = Felices Europaei; E Guinther dis: Felices, quod morientis in cruce Christi faciem, oculos, et ora ad nos conversa aspeximus; quodque ad pendentis dexteram fuimus*. A segunda cauza he cahirlhe na sua repartiçaõ as Provincias de Espanha: *nulla est Hispania terra felicior*: disse Homero Odissea 4. Estrabam 1. 3. Geografiae [pág. 9] fiae. Merecendo maiores acclamaçoens pella conservaçaõ da fé pura, com que depois de recebido o Santo Evangelho, sempre floreceo, como dis Solinas in Joam c. 1. Expos. 1. 22.: *à primis enim Hispaniae inculis ad haec usque tempora*

Hispaniae nativae soboles, non multos, sed unicum Deum in veneratione habebat: e dis que esta terra da Espanha era hũa terra sagrada a Deos: *Hispania juxta propriam etymologiam terra Dei dicitur*. E o P.º Fr. Jeronimo Romano de la Higuera no Hymno que compos em honra de Santa Quiteria lhe chama terra muitas vezes felis: *ô ter felix Hispania*.

Mas havemos de advertir, que sendo a Europa a melhor das quatro partes do mundo, e a Espanhas da Europa a melhor terra, ha Portugal das Espanhas a melhor parte: ja em outro tempo o cantou aquelle Homero Portuguez, inveja dos Poetas, e delles Principe na Lusiad. cant. 3. e 20. *Exaquí quasi cume da cabeça, Da Europa todo o Reino Luzitano* = A quem segue Antonio de Souza de Macedo c. 1. do sitio excellencia 4: = *Portugal es la punta mas extrema Occidental, de todo el orbe, y adonde aunque Occidente parece empieça la tierra*. E Manoel de Faria, e Souza Epit. 4. p. 4. n.º 11. chama a Espanha cabeça da Europa, e a Portugal coroa desta cabeça. Juliaõ de Castilho hist. de los Godos L. 1. discurso 1. e l. 2. discurs. 2. pinta a Europa figura de hua mulher vestida, dizendo, que Espanha he cabeça, e Portugal coroa desta cabeça.

Tomo esta terra o nome ou de Hespero Irmaõ de Atlante Rej da Mauritania, primeiro possuidor da Espanha, e desaposado por seo Irmaõ: ou de Hespero estrella de Venus, aquella que pella manhaõ apparese luzida mais que todas a quem chamaõ estrella da alva, e apparecendo de tarde chamaõ Hespero, e dis Carolos de Rue in exposition. v. 934 l. 9. *Aeneid. Hesperia, quod nomen cum Hispania commune fuit; vel ab Hespero, Atlantis Mauritania e Regis fratre, qui primo obtinuit Hispaniam, indeque à fratre pulsus in Italiam venit; vel ab Hespero Veneris stella, quae mane sub Lucifero nomine apparet, sero sub nomine Hesperii*. O mesmo dis no v. 781. l. 3. *Hesperia duplex est Hispania, et Italia*. [Pág. 10] Este foi aquelle Hespero Paj das tres Hesperides: *Hesperides fuere tres Aegle, Arethusa, et Hesperthusia: filiae Hesperii, qui frater Atlantis fuit*, dis o mesmo de Rue l. 1. v. 24. aquellas cultivadoras do vistozo pomar productor de arvores preciosas com fructos de ouro, a quem guardava a medonha cobra, que morta por Hercules se trasladou pella deosa Juno as espheras celestes: *maximus hic fluxu sinuoso elabitur anguis*: dis o Poeta Georg. l. 1. v. 241. Produziaõ estas plantas macaãs de ouro, que por industria de Venus lançadas por Hipomeno roubou a

Atlanta filha do Rej Scyro: *victa est Atlanta ab Hippomene; dum aureis malis, quae ab ipso projecta inter currendum fuerat, coligendis occuparetur: mala Hippomeni dederat Venus ex hortu Hesperidum.* Idem l. 6. v. 61.

Supposto que a Europa não seja a major das quatro partes do mundo, contudo sempre foj a mais fertil, e tambem a mais opulenta: Joaõ Cardozo da Costa no seo Memorial Estorico pag. 127. Esta he aquella ditoza parte do mundo, para a qual virado na Cruz esteve o Unigenito do Eterno Paj; e poderá ser, que fosse extremo do seo amor, finesas a o Reino de Portugal, que como nelle queria estabelecer o seo Imperio, no Calvario mostrava o grande preco do seo dominio. Deste Rejno teve principio a povoação de toda a Espanha; porque como dis Faria no seo Epit. cap. 1. com o ja mencionado Cardozo; povoou toda a Espanha Tubal quinto neto de Iafet, e elle deo o seo principio no Rejno de Portugal. No anno de 1800. do mundo; 150. depois do diluvio; 2244. antes da vinda de Christo fundou Tubal a Monarchia Luzitana, ou Luzitano Imperio no Contiente de Espanha, no qual depois edificou mais Cidades, sendo como dizem Laim. l.1 c. 11. Viterb. l. 5. Pomp. Descript. Betica Floriaõ de Campo l.1 c. 4. Pineda l. 1. c. 23. Villegas. Rosendo Lusit. l.1. Brito Monarch. l.1. c. 3. Faria Epit. c. 1. Foneceu Evar. glor. pag. 9. n.º 7. e outros muitos a primeira fundação a de Setubal, fundação primeira das Espanhas, e primeira Corte de Tubal no mesmo anno em que Nembrot edeficou a torre de Babilonia junto do rio Eufrates, como escreve Chevigni, e Boursaler nas [pág. 11] nas suas primeiras taboas.

Chegou Tubal a ver em sua vida sessenta e sinco mil pessoas de sua descendencia, conforme Diodoro, e Joaõ Cardozo da Costa pag. 148. Succedeo a Tubal na Monarchia seo filho Ibero, o qual inventou a pesca; deste filho Ibero se chamou a Espanha Jberia, e deo nome a o Rio Ebro. Succedeo a Ibero, (como escreve Faria) Jubalda, ou Jdubeda seo Filho. A Idubeda succedeo Brigo seo filho. A Brigo succedeo Tajo seo filho, que deo nome ao Rio Tejo. Depois succederaõ outros Rejs, e hum delles foj Hispalo, filho de Hercules Libico; Hispalo introduzio enterraremse os mortos, e trazerem luto os vivos; porque como esta acção he de piedade, era justo tivesse principio no Reino da Luzitania; morreo sem filhos, e lhe succedeo no throno Hespero famoso Capitaõ de Hercules: deste Rey Hespero se chamou Hesperia, e agora Espanha (ou como

ja disse da estrella Hespero) Succedeo depois Sicoro. A Sicoro succedeo seo filho Celeo, não so na Luzitania, mas tambem em todo o continente da Espanha. A Celeo succedeo no throno seo filho Luzo, do qual tomou nome o antiguo Rejno, o Imperio, como dizem com outros Fr. Bernard. de Brit. Monarch. Lusit. l.1. c. 15. Fr. Jeronimo de Castro. Faria Epit. p. 1. c. 1. n.º 62. Por morte deste Rej Luzo não quizeraõ os Luzitanos outro Rej; athe que vejo as Esjanhas Baccelo, por outro nome Dionisio Bacelo, o qual dizendo, que Lysias seo filho era a alma de Luso (que neste tempo seguindo o erro de Pitagoras julgavaõ que as almas de huns corpos passavaõ aos outros) entaõ o aceitaraõ para seo Rey: Antonio de Souza de Macedo p. 1. pag. 140: e deste Rej Lysias se chamaraõ Lysitani, ou Lysiadi; e de Luzo Luzitanos, mais antigo Rey, onde dis: *Han sido siempre los portuguezes muy agradecidos a los beneficios recibidos... tenemos buena proeba en su mismo nombre Lusitania, el qual tomô, y conserva hasta em memoria de su Rej Luzo, de quien tantos favores havia recebido:*

Faço esta menção dos Rejs, para mais claramente mostrar, que dos Portugueses tiveraõ as Espanhas o seo principio, e à nossa Luzitania [pág. 12] nia devem todo o seo avultado, e magestoso ser. E se procurarmos mais miudamente acharemos (não obstante dos Italianos a sua pervalecente opiniaõ a qual seguirãõ Ovidio Fast. l. 3. Virg. Aeneid. l.1. =

*Romulus excipiet gentem, et Mavortia condet
Moenia, Romanosque suo de nomine dicet.*

E no lib. 6. =

*En hujus, nate, auspiciis illa inclyta Roma
Imperium terris, animis aequabit Olympo,
Septemque una sibi muro circumdabit arces.*

Porem se lermos a Carolos de Rue ia explicaõ (sic) do v. 51 & Aeneid. lib. 8. acharemos ser duvidoza esta fundação pello seo Rej Romulo; porque dis que as náos dos Trojanos foraõ queimadas na boca do rio Tyberis pellas molheres, persuadindo isto hũa Trojana chamada Roma, de quem depois a Cidade de Roma tomou o nome: *Plutarcus in Romulo, refert ex antiquorum sententia incensas a mulieribus naves Trojanorum fuisse in ipsis Tyberis faucibus, Romae* (sc. mulher) *cujusdam Trojanae suasu, à qua deinde Roma nomen habuerit.* A esta opiniaõ segue Strabaõ lib. 6. Dionisio Halicaris. (sic) l. 5.

Porem nos seguindo as opinioens mais certas diremos, que

foi a Cidade de Roma fundada por hua senhora Portugueza chamada Roma, filha de Atalante, Rej que foj das Espanhas, e depois da Italia, cuja opiniaõ seguem com muita evidencia Fr. Bernardo de Brito Monarch. Lusit. lib. 1. c. 13. Faria Epit. p. 1. c. 1. n.º 24. o Doutor Madeira excel. c. 9. § 4. Dionisio Alicarnasio in principio historiae Joaõ Cardozo da Costa no seu Memorial Estorico pag. mihi 135. e Antonio de Souza Macedo nas Flores de Espanha excellencias de Portugal c. 14. excel. 3. onde dis, que naõ podia Roma ser fundada no tempo de Romulo por estas palavras: = Con todo en verdad de historia parece, que Roma fue fundada, mucho tiempo antes de Romulo, porque assi lo tiene graves Authores, doze de los quales refiere Fr. Bernardo de Brito, y lo confiessa Mariana. l.1. c. 15. y Pineda p. 1. l.4. c. 6. confirma que octocientos, y setenta, y tres aõs avia, que Roma estava fundada por la dicha hija de Atlante Italo, quando vino a ella Romulo, el qual [pág. 13] qual no hiso mas, que engrandecer su poblacion, que estava ya fundada. A esta opiniaõ favoressem muito aquelles que dizem, que Eneas depois da destruição de Troja naõ viera para Italia, como tras o dito Carolos de Rue in lib. 3. v. 97. = *Plerique putant Eneam non venisse in Italiam, sed post Priamevae familiae excidiũ Trojae regnasse: cujus rei sane multa vestigia, et argumenta profert Plutarcus in disert. quam Sergressius praefixit Gallico suo Virgilio.*

Excellencia para Portugal naõ menor que aquellas, que no valor guerreiro, nas batalhas dos antigos seculos sempre ostentou, ainda contra os Romanos valerosos, como consta de tantas historias as mais veridicas. Poucos seriaõ muitos volumes para expressar as grandezas, e avultadas heroicidades dos famigerados Luzitanos, se eu me achara com peito forte para as poder narrar; porem como a todos he sabido o seo esforço superfluo me pairesse multiplicar entidades; so mostrarej o que dis Mariana lib. v. c. 3. Flor. l.2. c. 17. Orosio l.5. c. 2. quando falam daquelle Capitam Portuguez sempre memoravel, o grande Viriãto, bem afamado nas historias, que pos em tanto aperto o poder Romano; que Paterno Volum. part. e Valerio Maximo l.9 c. 1. dixeraõ estava em duvida. se havia Roma de ser senhora da Espanha, ou Espanha de Roma, tudo por causa dos Portugueses com o seo Capitam Viriãto; e bem o mostra o Doutor Joaõ Baptista Valensuela de status, ac belli

ratione 2. p. consid. 21. n.º 27. pella qual rasaõ disse o moderno Manoel de Faria nas divinas, e homanas flores l. p. soneto 54 =

= O Marte Portuguez, que assi oprimida
 = La Romana cervis dexô tu espada
 = Si mucho con la vida mas sin vida,
 = Siempre Roma a tus pies vive afrentada,
 = Pues quando limpia, fue de ti vencida,
 = Quando se vence, esta por ti manhada.

Sempre Roma se vio manchada com Viriâto, na vida no ven- [pág. 14] vencimento que della alcançava, essa morte vencendo ficou vencida; porque faltandolhe o valor para a victoria, sem brio a traição lhe tiraraõ a vida; por isso dis Lope da Veiga Carpio falando em nome deste Capitam Arcadia l.3. pag. 209 e 217. =

= Yo vi al Romano a mis pies,
 = Mas para que coenta os doy;
 = Pues basta dizir que soy,
 = Español, y Portuguez.

Não posso deixar de advertir a clausula do testamento de Plancio Capitam Romano, que morrendo em hũa batalha de Viriâto, mandou levassem seos ossos a Roma; se acaso a patria entã estivesse com liverdade; porque julgava que os Portuguezes, com seo Capitam Viriato a teria vencida; isto trazem em huns letreiros Pedro de Maris Dial. 2. c.2. Fr. Bernard. de Brit. Monarch. Lus. l.3. c.3.

Emfim para honra dos Portuguezes basta advertir o que dis Cardozo no seu Agiologio Lusitano tom. 1. § 3. = Do valor, e engenho dos Luzitanos poderamos dizer grandes incomios; Diodoro Siculo l.3. lhes chama fortissimos. Strabaõ l.3. Geogr. dis, que elles perseguiraõ, e atropelaraõ os Romanos com crueis, e horrendas guerras. E finalmente Lucio Floro lib. 2. c. 10. affirma, que Viriato terror de Roma, bastava, para honrar toda a Luzitania, pois por 14. annos alcançou delles gloriozas victorias, como se pode ver mais miudamente com Vasco na his. de Espanh. c. 8. Andre Resende por todo o livro 1. das suas antiguidades Duarte Nunes na descripsão de Portugal c. 1. D. Fr. Amador Araiz Dialog. 4. da gloria e triumphos dos Lusitanos, contra. § 4 = os quais nas guerras, que por 40. annos sustentaraõ contra os Romanos obraraõ illus-

= tres façanhas dignas de eterna memorias (*sic*)... athe as molhe-
 = res diversas vezes pelejaraõ tam valerosamente que deixaraõ ao
 = seo nome immortal fama... §. 7. generoso, e admiravel valor
 = da naçaõ Portugueza, digno de ficar em bronzes immortaes
 = para perpetuo exemplo, e estimulo a todos os seculos, e naçoens
 = do universo = Bem o mostra Caesar de bello Gallico l.3. onde
 dis, que Mitridates Rej do Ponto, para illustrar os [pág. 15]
 os seos exercitos pedio soldados Portugueses ao famoso Capi-
 tam Sertorio. O mesmo fizeraõ os Francezes, quando Julio
 Caesar os apertava, e chegando estes lhes entregareaõ os
 Franceses o governo, com que logo recuperaram muitas Cidades
 ja captivas por Caesar: Macedo excel. 3. Cap. 14.

ElRej de França Carlos 8. sabendo de hũa liga, que muitos
 Princepes faziaõ contra elle, dice: que para vencer a todos, naõ
 lhe era necessario mais que ser elle com ElRej D. Joaõ 2. de
 Portugal seo Irmaõ., e que naõ so para isso, mas para vencer
 todo o mundo. Strabaõ l.3. dice: que os Portuguezes nasciaõ
 para as armas: *Pugili gladiatores*:— E Joaõ Bohemo de
 morib. gent l.3. c. 24. dizia, que entre todos os Espanhoes eraõ
 os Portuguezes os melhores soldados, e mais fortes: *Sunt Lusitani Hispaniarum fortissimi*; e finalmente por não cansar a curiosidade do Leitor, naõ quero ser mais extenso em materia tantas vezes aclamada das experiencias, e louvada dos AA. especialmente Joaõ Botero nas rel. 2. p. no proemio tit. do louvor. Fr. Hortesio Felix no primeiro sermaõ da Rainha Santa Isabel de Portugal. Gil Gonçaves de Avila nas Grandesas de Madrid lib. 4. tit. do conselho de Portugal. Joaõ de Pina na Dedicatoria das suas varias fortunas. Diodoro Siculo Bispo de Palencia p. 1. c. 14. Andre Fevol var. illustr. c. 66. Thomas Bossio signo 33. l.8. c. 7. Jeronimo Frascator. Joaõ Metelio Epist. de navig. Joaõ de Marianà l. 10. c. 13. Resende l. 1. de antiquit. Lusitan. e outros muitos e infinitos, que ja parece superflua a narraçaõ. Tudo excellências para este Reino, mas em outras majores se funda este Imperio, como largamente o cantou Monsinha a Afonso Africano Cant. 1. =

Ô Rejno illustre mais felix que todos,

Que em Martyres de Christo estas fundado,

Depois que por castigo dos Rejs Godos

Foste por largo tempo sepultado.

Naõ ves as artes, os estranhos modos,

Pellos quais hoje estas resucitado?

Ras- [pág. 16] Rasgaramse os primeiros Luzitanos,
 E deramte vida, como Pelicanos.
 Não foj herdado, mas ganhado Jmperio
 A barbaros, que a lej de Christo afrontam,
 E so para seo dano, e vituperio
 Campos na terra, armadas no mar contaõ.

Nem o Principe dos Poetas podia passar subtil por esta
 excellencia Lusitana, porque na Lusiad. c. 1. act. 3. e cant. 4.
 act. 64. dis —

Cessem do sabio Grego, e do Troyano
 As navegaçoens grandes, que fiseraõ,
 Calesse de Alexandre, e de Trajano,
 A fama das victorias, que tiveraõ.
 Que eu canto o peito illustre Luzitano,
 A quem Neptuno, e Marte obedeceraõ.
 Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
 Que outro valor mais alto se levanta.

... ..
 Dalli vaõ en demanda da agoa pura
 Que cauza ainda serâ de larga historia,
 Do Indo pellas ondas do Oceâno,
 Onde não se atreueo passar Trajano.

... ..
 Ouvi, que não vereis com vaãs façanhas
 Fantasticas, fingidas, mentirozas
 Louvar os vossos como nas estranhas
 Musas de engrandecerse dezejozas;
 As verdadeiras vossas são tamanhas,
 Que excedem as sonhadas fabulozas:
 Que excedem Rodamante, e vam Rugeiro
 E Orlando ainda que fora verdadeiro. Cant. v. 11.
 e no Cant. [pág. 17]

2. v. 55. — Posto que em todo o mundo se afrontados
 Resucitassem todos os passados.

Corte Real no naufragio de Manoel de Souza Cant. 13. falando
 das armas Portuguesas dis =

Temidas saõ em toda a redondeza,
 Por seo valor, e por sua fortaleza.

Bem confirma tudo isto aquella famosa, e sempre em todos os

seculos memoravel batalha, que em todo o universo soavaõ suas victorias, alcançadas dos generozos peitos Luzitanos, no Campo de Aljubarrota, campo de flores para Portugal, campo de rozas, que para ser em todo o tempo primavera foraõ regadas con tantos rios de sangue Castelhana; eraõ estes segundo dis Vasconcelos 30 mil; outros dizem 36 mil e não falta quem diga eraõ mais; o certo he, que eraõ os Castelhanos muitos mais, sem comparaçaõ aos Portuguezes, como elles mesmos confessan, e dis Christovaõ Lozãno no seo livro intitulado = *Los Reyes Nuevos de Toledo* l.3. c. 9 = *con mucho brio dixeron, que era mengua grande de Castilla, no ozar acometer a un jabardo de Portuguezes*. Certamente aqui andou em nosso favor a mam do todo Poderozo, porque quem he regido, pella razaõ, e conciencia, Deos se poem em campo em sua defeza. Mas para prosseguirmos com clareza darej hũa breve noticia deste levantamento, e destas guerras, e por não paresser paixã de Portuguez seguirei ao mesmo Christovaõ Lozano, author Espanhol; perdoeme o Leitor a multiplicidade de vezes que o hei de citar, porque gosto de ouvir os louvores Luzitanos pella fraze, e lingua de Castella.

Sempre os Portuguezes foraõ bellicozos, temidos, e pellas armas respeitados, e seos Monarchas; para a brevidade da historia, so darej noticia do terror que meteo ElRej D. Fernando, quando fortemente pelejou contra as Espanhas, tomando praças, e asolando os povos com tanto temor de ElRej D. Henrique de Castella, que para este ver apagado este fogo que tanto se atheava nas suas terras offereceo honrozamente hũa sua filha chamada D. Leonor em casamento ao nosso D. Fernan- [pág. 18] nando, dando-lhe com ella em dotte 3. Contos: não teve effeito; mas suspenderamse as guerras por algum tempo; porque se cazou o nosso D. Fernando no Rejno com D. Leonor Telles de Menezes... e della teve hũa filha, a quem chamavaõ D. Beatriz: passados alguns annos continuaraõ as guerras, tinha ElRej D. Fernando declarado contra ElRej de Castella con ajuda de Inglaterra, estava ja em campo entre Badajos, e Elvas para dar batalha; porem temendo Castella o valor dos Luzitanos, acostumados a triumphos, mandou seos Embaixadores, que sendo bem recebidos do nosso D. Fernando converteose a guerra em amigavel par; porque trataraõ o casamento da Infanta D. Beatriz Portugueza com o Infante D. Fernando filho segundo de ElRej de Castella, declarando os Portuguezes que não fosse Rej de Portugal, quem fosse de Castella, nem se

misturasse, e confundise hum Rejno, com o outro Reino: (aqui Lozano l.3. c. 5. = *De tan atras le viesse a esta belicoza, quanto ambiciosa nacion, querer tener Rey à parte, y que ningum otro Rey se llame suyo* =) e que tambem ElRej de Castella daria a Portugal 20. galeras, que lhe tinha tomado, soltar os prezioneiros, e pagar os gastos aos Inglezes athe se recolherem a Inglaterra, a tudo isto se obrigou D. Joaõ Rej de Castella.

Naõ teve effeito este casamento porque morrendo D. Leonor molher de D. Joaõ Rej de Castella, se determinou o casamento com D. Beatriz, com as condicoens, que naõ tendo o nosso D. Fernando filho varaõ, herdasse o Rejno por sua morte sua filha D. Beatriz, e que entaõ cazando com ella D. Joaõ de Castella se podesse chamar Rej de Portugal: (oucamos o dito Author = *reparese, en que no dize que lo fuesse, sino que se llamasse Rej de Portugal* =) que depois da vida do dito Rej de Portugal, a Rainha D. Leonor sua mulher, e maj de D. Beatriz, ficasse por absoluta Governadora do Rejno todo o tempo que vivesse, com todo o poder, e mando, fazer moeda etc. o qual governo lhe duraria athe que D. Joaõ, e a Rainha D. Beatriz tivesse hum filho, ou filha de doze annos, e que entaõ ficasse todo o poder, e mando a o tal filho, ou filha, que delles nascesse, e que cessasse logo ElRej de Castella de se chamar Rej de Portugal: (Lozano: = *con que no me espanto [pág. 19], no me espanto, que los Portugueses, de una, y otra parcialidad, viniessen bien a elle, pues de qualquier modo les quedava Rey, o Reyna Portuguesa, que los governasse, y el de Castilla solo por Rey de comedia* =) estas foraõ as condicoens, as quais aceitas, e juradas pouco depois se receberaõ em Elvas; no outro dia do recebimento partio ElRej D. Joaõ para Badajos, e convocou a cortes, e se fizeraõ em Segovia; alli determinou, e mandou que nunca mais se uzase da era de Caesar (como athe aquelle tempo era total costume) mas que se contasse ptllos annos do Nascimento de Christo, foj esta determinação no anno de 1383.

Naõ tinha passado muito tempo dos desposorios, quando morreo o nosso D. Fernando, tomou logo D. Joaõ Rej de Castella as armas de Portugal; *tomó las armas de Portugal, ingieriendo entre sus Castillos, y Leones las cinco preciosas Quinas* = mandou prender a D. Joaõ Infante de Portugal Irmaõ legitimo de ElRej defunto, que se tinha auzentado para Castella

por não obedecer a D. Leonor sua cunhada: logo quis o dito D. João de Castella entrar em Portugal com gente de guerra; andava Portugal alvoraçado por esta determinação contra o juramento, e por ter ElRej de Castella prezo o Infante; quis também privar a D. Leonor do governo do Reino; athe que se resolveo entrar neste Reino com gente armada; entrou pella parte da Beira, pella Cidade da Guarda que com o favor do seo Bispo, Cancellor, que era da Rainha D. Beatriz a tomou sem repugnancia, excepto o castello, que seo Governador não quis receber, nem renderlhe obediencia; acudiraõ os cavalheiros da Provincia e lhe tributaraõ vassalagem com os protestos, que estavaõ jurados no cazamento de que sempre teriaõ Governador de sua nação, e Rej que fosse seo: não se retiraraõ estes cavalheiros muito satisfeitos da Magestade; que como vinha com muita gente de guerra, cuidava que o estrondo das armas Castelhanas fariaõ tremer os animos Portuguezes (Lozano l.3. c. 7 = *como si los Portuguezes, al passo que se derriten al cariño, no supieran al despego, rebentar de gravedozos* =).

Finalmente vendo os Portuguezes as muitas insolencias, e injurias, que ElRej queria contra este Reino, alvo- [pág. 20] alvorocavamse os animos, e não quizeraõ que a Rainha D. Beatriz tomasse posse do Reino, por estar cazada com D. Joaõ Rej de Castella, que ja se fazia Senhor do Rejno, alegando em seo favor estes despozorios, dizendo, que o Rejno pertencia a sua mulher e a elle por ser seo marido: (não attendendo ao juramento dos dospozorios) governa este Reino, ainda que no favor da Rainha D. Leonor hum Cavalheiro Gallego, que alem das insolencias de vassalos, offendia (dizem) a honra do Rej defunto; e não podendo o peito nobre de D. Joaõ Mestre de Avis, Irmaõ bastardo de ElRej D. Fernando sofrer estas afrontas, entrou pello Paço com alguma gente de guarda, e encontrando com o dito Cavalheiro lhe tirou a vida, dando os ultimos alentos na presença da mesma Rainha; e vendo esta o tumulto de gente que logo se ajuntou em favor de D. Joaõ, assustada se retirou a Santarem, donde escreveo a ElRej D. Joaõ de Castella, dando parte da afronta, e pedindo vingança do agravo: assim o quiz executar D. Joaõ de Castella se os Portuguezes se não oppozessem ao seo intento: vejo ElRej a Santarem; quando ja os Luzitanos estavaõ de outro acordo mais fundo: fez a Rainha renuncia do Reino, para que ElRej de Castella com mais direito entrasse a castigar (sendo tudo

contra o juramento) mas isto era o que os Portuguezes menos dezejavaõ: Lozano ibid = Linda soberbia; No le querian por Rey, aun aviendo Governadora Portuguesa, y querianle por Rey, Governador. Contentos, y gogosos (*sic*) quedaron con este hecho elRej D. Joan, y los que dieran al arbitrio, sin reparar que ninguno fue tan desacertado, ni nocivo, como este; porque apenas lo supieron en Lisboa los mal contentos, quando si antes mostravan odio alRey estraño aora escipian pesadumbres, y vomitavan vulcanes.

Aqui se vio o estremozaõ animo da naçaõ Portugueza, o seo valor, e avultado esforço; naõ queriaõ aceitar a ElRej de Castella, nem a D. Beatriz sua mulher para Rainha de Portugal; porque era filha bastarda, alegando em seo desfavor ser filha de D. Leonor, a qual cazou com D. Fernando, sendo vivo seo marido, Lourenco Vasques da Cunha; e assim que o Reino pertencia a o Infante D. Joaõ Jrmaõ legitimo de ElRej D. Fernando; e como este [pág. 21] este estava prezo em Castella (por este mesmo temor) emquanto elles o hiaõ tirar da prizaõ a força de armas, ficaria governando o Rejno D. Ioaõ Mestre de Avis, seo Jrmaõ bastardo; aqui se vio (digo eu) o valor do peito Luzitano, afirmando ja, que haviaõ de tirar da prizaõ a D. Joaõ, que estava dentro do Rejno de Castella; naõ se contentaõ com defender o Rejno de Portugal; mas promettem entrar vencedores pello Rejno de Castella. Levantavaõ hum estendarte com as Quinas de hũa parte, e da outra o Infante D. Joaõ prezo entre cadeas, lastimozo, e triste, do mesmo modo, que estava no carcere de Toledo; hiaõ clamando pellas ruas, que aquelle era o seo Rej, que vissem da sorte que o tinhaõ, sendo o principal Author D. Joaõ Mestre de Avis.

Acodio logo ElRej D. Joaõ de Castella, mandando hum Regimento sobre Lisboa; mas a tempo que ja D. Joaõ Mestre de Avis tinha mandado a Nuño Alveres Pereira com hum troço de gente correr por terras de Castella, para que ElRej D. Ioaõ acudindo as suas terras, deixasse as de Portugal: assim o fez este em todos os seculos memoravel Cavalheiro, honra de Portugal, açoute, e flagello dos Castelhanos: passou o Tejo, e seguindo a comarca de Evora, passou a Badajoz. Muito custou esta entrada a ElRej D. Joaõ; mandou logo a D. Joaõ Afonso Guzmanõ Conde de Niebla, a D. Fernando Sanchez de Tovar, Almeirante de Castella, e a D. Diogo Gomez, Mestre de Alcântera que fossem repremir o alvorosso, e destruiçaõ que nas

terras de Castella fazia D. Nuno Alveres Pereira; chegaram a encontrar-se, e deraõ fatal batalha; aqui se principiaraõ a ver as espadas Portuguezas bem rubricadas no sangue Castelhana, diga Lozano no l. 3. c. 8. = llegaron a batalla, y ya fuesse mala orden de los Castellanos, o ya fuesse dicha, y valentia de los Portugueses; la parte de Castilla quedõ derrotada, el Mestre de Alcantara fue uno de los muertos, y la campanã, y el triunfo quedõ por lo de Portugal. = Mandou logo ElRej de Castella outro exercito mais poderoso, mas naõ conseguiu os seus intentos; ainda tendo da sua parte muitos principaes dos Portuguezes, e mais de 20. villas, e fortalezas, naõ das menos principaes deste Rejno; aqui se admira Lozano fazendo hum catalogo dos fidalgos empenhados por Castella, tantas villas e fortalezas em seo sequito, e perderem a victoria = He dicho de proposito este catalogo, para que el curioso estranẽ, y admire mas lo poderoso, que ha sido, y es el vulgo, y lo commum desta nacion Luzitana; pues aviendo en la ocasion, que vamos diziendo, tal maquina de Señores, y cavalleros Portuguezes de parte de ElRej de Castilla, tantas plaças, villas y castillos a su obediencia, no fuè possible con todo, como lo veremos, poder sugetar a Portugal, contrastarlo, ni vencerlo. =

Desconfiãdo ElRej D. Joã de Castella de que a Rainha D. Leonor lhe naõ fosse leal, a mandou prender (major justicia para Portugal) escandalizando aos mesmos Espanhoes, diga Lozano o que sente = *pues por Reyna, por madre, por liberal, por muger, y por hermosa, parece que causava lastima, que se uzasse con ella desafuero, y desacato semejante.* = Depois de preza por cerco a Lisboa onde morreo muita gente Castelhana; e finalmente por abreviar a historia; acharaõ os Portuguezes, com maduro juizo, que sendo impossivel tirar de dentro de Castella o Infante D. Joã Jrmaõ legitimo de ElRej D. Fernando, que viesse receber o Rejno, e que mais acertado era eleger outro, a quem melhor lhe pertencesse, aclamaraõ a D. Joã filho bastardo do mesmo Rej D. Fernando, o qual entãõ era Mestre de Avis; aqui se atheou o fogo Castelhana, fazendo força para vencer o Rejno, e vencer o Monarcha, mas como estariaõ neste tempo os Portuguezes; digao digao Lozano l. 3. c. 8 = *voló la voz del echo por toda la Provincia con que a cada Portuguez se le metió un leon en el cuerpo sabiendo tenian surrey.* = Vendose Castella ja falta de dinheiro, mandou o seo D. Joã primeiro tirar do thesouro de Nossa Senhora de

Guadalupe quantidade de prata para estas guerras (oh temeridade) outro caminho tomava D. Joaõ Mestre de Avis, ja D. Joaõ primeiro Rey de Portugal, pois todo o seo empenho era o culto da mesma Senhora como mostrarej a folhas 30.

Despedio ElRej D. Joaõ de Castella a D. Tenorio Arcebispo de Toledo que viesse com toda a sua gente sobre Portugal, cortase, queimase, e destruisse; assim o executou este Prellado, entrando com seo exercito pellas partes (da) [pág. 23] Beira, vejo a Viseo, e Sollorico fazendo notavel damo: hindose retirando contentes, e victoriosos, levando gado, e outros espolios chegados que foraõ a villa de Trancozo, da Lozano noticia do que aconteceo = junto da villa de Trancoso les dieron mate = los Portuguezes. Sagazes, y astutos los esperaron en puesto, = donde sin poder revolverse en unos barbechos, y con el calor = de Julio, no solo les quitaron lo que llevavan, pero aun las = vidas a casi todos. Per lo menos quedaron muertos los tres = Capitanes. Con que se complio en el Arcebispo el comum = adagio, de que yendo a Portugal por lána, se bolvio bien trans- = quilado.

Depois disto ajuntou ElRej D. Joaõ I. de Castella hum grandissimo, podoresissimo exercito para vir sobre Portugal, determinando vir em pessoa, julgando a batalha imperdivel pella numerosidade de gente na presença do seo Monarcha, sendo os Portuguezes tam poucos, e desses, ainda muitos sem exercicio das armas. Entrou pella parte da Beira, onde fez seo testamento talvez com o medo de perder a vida entre inimigos, e nelle mostrou a pouca justiça que tinha na pertença deste Rejno, porque nelle dizia — Defendemos firme, y expresamente al dicho Infante mi hijo, que por ninguna informacion, ni indusimiento que le sea hecho, que no tome voz, ni titulo de Rey de Portugal, sin primeramente ser declarado, y determinado por sentencia de noestro Senõr Papa, que el dicho Reyno pertenezca a el. = Entrando ja D. Joaõ I. neste Rejno, e julgando os Castalhanos, que os Portuguezes de boa vontade se renderiaõ vendo o grande poder. que traziaõ: neste passo lhe sahio ElRej D. Joaõ I. a fazerlhe rosto junto a Thomar: aqui admiravaõ huns a valentia Luzitana, outros faziaõ zombaria desta confiança. Neste tempo mandou Nuno Alveres Pereira hũa carta a D. Joaõ de Castella, protestando sua justiça, e que se retirasse a Castella, que os Portuguezes lhe fariaõ alguns partidos honrozos, e quando o naõ fizesse assim, a Deos tomavaõ por

testemunha, e a S. Jorge, porque do Ceo lhes veria o favor; entenderão os Castelhanos que estes protestos era nos Portuguezes força de medo, porque certamente ficariaõ debaratados, e elles triumphantes, e assim não se tenderão a estas justificadas supplicas.

Vendo

[Pág. 24] Vendo o nosso D. João I. despreçados seos exercitos, compos os Regimentos; porem como se retartou a batalha, que principiou pellas 3. horas da tarde, alem de estarem os soldados sem comer, vejolhes. a ficar dando o sol nos olhos, diz Faria Epit. p. 3. c. 11. n.º 29. eraõ os nossos muito poucos respective aos Castelhanos, como elles confessaõ = *todo esto lo obrava la confiança de verse mas gente en numero, y no haser caso, ni pensar, que un javardo de Portuguezes rebeldes en gavilla avian de poder resistir a las fuerças Castellanas:* Lozano l.3. c. 9. Dis Francisco Rodrigues Lobo no seo Contestable Cant. 15. que os Portuguezes eraõ 2200. de cavallo. e 10000. de pé: outros affirmaõ eraõ. 10000. por todos; e isto confirma o dito de ElRej de Castella, quando depois de perder a batalha admirandose os Castelhanos, dice ElRej: *nõ os admireis, pues es imposible ser vencido un padre de diez mil hijos* = Outros reduzem este numero 6500. Outros a 6000. por todos; mas o certo he, que não tinhaõ os nossos comparaçaõ em numero com os Castelhanos.

Porem: *non salvatur Rex per multam virtutem;* não se salva, e vence o Rej pellas muitas forças das suas armas; porque so vence aquelle a quem Deos ajuda, aquelle que he de Deos amado, aquelle que he de Deos escolhido, e com o Imperio seo alcança seguras, felices victorias; por isso dis Avendanho no seo Amphitheatrum Misericordiae in Ps. 88. p. 3. v. 27. § 8. n.º 815. — *quo enim major gloria, quam habere Regem, ut pro libito possit eos aut terrere prodigiis, aut sublatione ipsorum recreare:* prodigio grande foj este, triumpharem tam poucos Portuguezes de hum tam extraordinario numero de Castelhanos; mas; *Beata gens, cujus est Dominus Deus ejus, populus, quem elegit, in haereditatem sibi:* gente bemaventurada, toda cheja de bençaõs, toda cheja de victorias. Não vence (dis Santo Agostinho in Ps. 35.) não vence, quem se fia nas suas forças, triumpho so, assim quem com Deos poem suas esperanças: *sunt, qui pugnare incipiunt, sed qui propriis viribus fidunt, vincuntur.* E o Bispo Monopolitano Ser. fer. 2. Dom. 1.

Quadrag. falando dos inimigos da alma, dis, que so vence, quem sem [pág. 25] sem presumção peleja obedecendo ao Supremo Rej, que o manda; *vincit, qui de se non praesumit, sed in eo confidit, qui jussit, ut pugnaret.*

Pelejaraõ os Luzitanos, e sempre pelejaraõ por mandado de Deos, do Rej dos Rejs, Supremo Senhor dos exercitos, e por isso sahiraõ sempre triumphantes: Bem se vio nesta batalha no campo de Aljubarrota digna dos maiores applausos, e eternas memorias; porque dis Mariaña l.8. c. 9. Illescas hist. Pont. 2. p. l. 6. C. 19. que morreraõ. 12000. inimigos, nos quais entrava a flor de Castella. Macedo C. 13. Excel. 6. dis que morreriaõ muitos mais se o sol suspendendo o seo curso fizesse major o dia, como prodigiosamente obrou com o Capitam Josue, e povo amado. Máriz Dial. 4. C. 1. dis que morreraõ. 39. grandes de Espanha, o que confessa o dito Lozano, ainda que afflicto, e confuso, quer com palavras diminutas ocultar, o que a verdadeira fama com sonoras, e alegres trombetas tem publicado por todo o mundo; porem naõ deixa de dizer o que basta para esta certeza no l. 3. C. 9. = Pusieronse enfin a guisa de pelejar un Lunes (Martes que fue bien aciago para Castilla) catorze diaz del mes de Agosto (de 1385.) vispora de la Anumpsion de nuestra Senõra, que aun por ser fiesta suya esta batalla, y averle tomado elRej del sagrario de Guadalúpe parte de sus joyas, y tesoro, salieron hartos juizios de el quedar derrotado, fue castigo... Los Portuguezes, que revestidos de valor bolvieron a hazer rostro a los que ya con gritaria les iban dando carga. Aqui fue el estalar de las ondas, y hazer a piedra menuda, como dizen, que no podiessen ofenderlos los cavalos Castellanos. Aqui fue hacerse tanto el coraje, que como perros dañados, se arrojavan a las picas. Aqui fue enfin el encenderse la batalla, y irse ya alagando en sangre millares de difuntos. Media hora escasa, dizen las corônicas, estuvo neutral, y dudoza la pelea. Media hora solo duro al campo Castellano el ardimento, y al cabo deste rato, viendo la matança, que iba haziendo el Portuguez, empeçaron a aflojar, y buscar por donde huir.

El infelix Rej D. Ioan al mirar el estrago de los sujetos [pág. 26] sujetos, y al ver que los que quedavam se iban puniendo en huida, diose por perdido, y por no estinguir del todo la gloria Castellana... Con el dolor, con la pena, y la cogoja, que se puede considerarse, monto en un cavallo, y

= pizando cuerpos muertos, sin vereda, ni camño se hizo a la
= espesura: desde alli, sin sossegar, sin parar un punto, antes
= haziendo, que el bruto al rigor del acicáte calçasse álas en los
= pies, se metio en Santaren aquella noche, que es camño de onze
= legoas... El fin del modo que queda dicho, escapo de la batalla,
= quedando todo su campo en manos del enemigo... quedaron
= por despojos de la muerte diez mil Castellanos, y personajes
= de gran cuenta, la flor de los Titulos, proxilidad, y con el numero
= de diez mil de la mas gente, quedaron en aquellas cañadas, e
= vales de Aljubarrota, hechos espectaculo sangriento, plumba
= lamentable de difuntos.

Ao outro dia embarcou D. Joaõ de Castella em hum barco
no Tejo e sahindo onde estava a armada sobre Lisboa, embar-
couse nella, e foj para Sevilha, triste, e lastimado, confuzo,
e descontente; vestiose de luto, e dis o mesmo Lozano, que
assim andou alguns annos. Justo era, porque entã se lhe acaba-
vou a esperanza desta coroa. Tanto sentio ElRej D. Joaõ esta
perda, que paresse perderia o juizo se naõ foraõ tantas consola-
çoens, que lhe cauzava ainda huã pequena esperanza de vencer
os Portuguezes; mas ouçamos outra vez ao mesmo Lozano
l.3 c. 10. = El Portugues, el qual no contento con averse en
= senõreado de todas las plaças, que estaban por ElRej D. Ioan,
= tomando las unas por grado, e las las otras por fuerça se
= avia entrado en Castilla, y sitiado la Ciudad de Cõria, que tan
= de atraz les viene a los Portuguezes no contentarse, se les urgan
= con su Reyno, senó entrarsenos acà, porque no se espante quien
= ve los tiempos prezentes (falava no tempo da aclamação de
= D. Joaõ. o 4º) casi en el mismo tema, y las embestidas, que nos
= azen... Enfin en las guerras valen unas vezes mas los ardiles,
= que las muchas gentes. O sino, buelvan los ojos los que saben
= de historias a Xerges, y a Lexandro; este con pocos soldados
= gaño un mundo; y aquel con innumerable gentio no hizo nada.
= Los Portuguezes, sea fortuna, ô ardid, se han portado al modo
= de Alexandro, pocos, apiñados [pág. 27] dos, fieles, y valientes
= se han salido, y salen siempre con la suya. Los Castellanos al
= modo de Xerges, etc.

Aqui se mostra Lozano sentido, mas algum tanto verda-
deiro, ainda que com a brevidade das palavras quer occultar
parte dis nossos triumphos, como v. g. no l.3. c. 8. onde dis
= Pero los consejeros, cuyo parecer siguio: que en juntando
= Castilla todas sus fuerças pondían en un punõ a Portugal, y el

= que se llamava Rey, tendria a buena dicha escaparse huyendo:
 = Esta jactancia, y sobervia Castellana, y este no hazer caso, y
 = menospreciar al enemigo humilde, nos tiene oy como nos tiene,
 = y nos puso entonces, qual nos puso. Bien me entende el enten-
 = dido, passemos adelante; = Aqui tomára eu que Lozano me
 = explicara aquellas palavras tam misteriozas = *al enemigo*
 = *humilde, nos tiene oy como nos tiene, y nos puso entonces, qual*
 = *nos puso; bien me entende el entendido, passemos adelante.*
 Nestas palavras que o Author sucintamente encobre, juntamente publica as victorias Luzitanas, e os estragos, ruinas, e destroços de Castella: Rejno ja tam pobre que chegava a tirar nos templos o thesouros da Ibreja para pagamento da milicia; o Rej vestido de luto, triste, e magoado; a flor de Espanha sepultada en sengue as mãos de seos inimigos nos Campos de Portugal; os filhos orfãos, as molheres viúvas; e finalmente feita Castella huã Cidade sem gente, diz o mesmo A. = *nada escapo de perder padre, hijo, amigo, hermano, o pariente.*

Neste tempo que os Castelhanos estavaõ sepultados nas cinzas frias, abrazavamse os Portuguezes entre incendios; porque desejozos de ficar seo nome impresso no alto Olimpo eternizado entraraõ por Galliza, carcaraõ a Cidade de Tuy, e a tomaraõ, mas contudo isto ainda ElRej D. Joaõ 1º de Castella, naõ perdia as esperanças a este Rejno fiado nas forças Castelhanas, e no grande socorro de França; mas que dira Lozano?
 = Parecido ya con esto estar dezocupado, para bolver a dar
 = en Portugal. Pero esso fuera, si se durmiera el Portuguez, el
 = qual no solo cuidava de que llamava, y ya no era Reyno suyo,
 = sino, que osado, e animozo trato de entrase en Castilla. Acome-
 = tío [pág. 28] tio por parte de Galicia. Sitio la Ciudad de Tuy:
 = apertola, y tomola. Finalmente andavaõ os Portuguezes com
 = valor tam avultado, que em nehuns outros soídados desses
 = antigos seculos se admirou igual. Dizem os Philozofos, que o
 = custume faz, que se naõ sintiaõ as couzas: *ab assueto non fit*
 = *passio.* E Santo Thomaz in Arist. Cap. 13. de memor., et relect.:
 = *consuetudo est quasi altera natura.* Acustumados andavaõ os
 = Portuguezes a vencer; ja o alcançar triumphos era para
 = elles muito natural, tanto assim que temendo ElRej D. Joaõ 1.
 = de Castella, juntamente a astucia, e valor do nosso D. Joaõ 1º
 = de Portugal, e a natureza sempre triumphante dos Luzitanos,
 = fez conserto amigavel por mejo de Fr. Fernando Illescas, seo

confessor, e se tratou pôr tregoa por tempo de 6. annos, com a condição, que se restituísse a hum, e outro as praças tomadas.

=
= Inda quero que fale Lozano no l. 3. c. 12. = En lo qual fue
= muy bien beneficiado el Portuguez, ya sea Rey de Portugal, ya
= Castilla le apellide le apellide rebelde. Mucho se le dava al
= de Avis del apellido, quando todo lo que el llamava Reyno suyo,
= le acclamavan, y obedecian por Rey. Lo mismo por nuestras
= culpas passa al dia de oy, quando esto escrivo, principios del
= año de sessenta, y seis; pues avendose hecho Rey el de Ber-
= gança, y sustentando-se en su rebeldia viene, y cinco años,
= por mas, que Castilla le ultraja de rebelde, ha venido a alcançar,
= que se este tratando casi de las mismas tregoa, y suspension
= de armas, con que al modo que el, que vamos diziendo, quera
= perpetuarse la corona para siempre. Abra los ojos Castilla, que
= por esso le doy esta puntada, por viniense rodado el simil a los
= ojos, etc. No tempo das tregoa, vendo ElRej D. Joaõ 1. de
= Castella por força não podia senharearse deste Rejno, quis
= por traça possuillo; porque querendo renunciar a coroa de
= Castella em seo filho D. Henrique, e por mancidaõ de Leam
= fingido entrar neste Rebanho do Senhor; porem os Conselheiros
= o advertiraõ que poderia ficar sem hum, e mais sem o outro
= Reino; e não cabendo em seo peito ver este Reino indepen-
= dente aRojoue a tomar outra ves as armas, mas considerando
= a perda futura abrandou da sua ira, e logo foj dar contas ao
= Altissimo. Deos o tenha na gloria.

Ficou

[Pág. 29] Ficou governando seo filho D. Henrique, o qual confirmou as tregoa com os valerosos Luzitanos; talvez terror daquelle invencivel Alexandre, aquelle esforçado Hercules Portuguez, aquelle Marte do Luzo Imperio D. Nuno Alveres Pereira, que seguindo o partido de D. Joaõ 1º chegou a pellejar no Campo de Aljubarrota contra o proprio sangue; seguindo a parte de Castella D. Pedro Alveres Pereira Prior do Crato, e D. Diogo, D. Fernando Alveres Pereira seos Jrmaõs; a estes seguiram outros muitos cavalheiros Portuguezes, que se auzentaraõ por querer seguir o partido de Castella, sendo muitos destes principaes; não se prudentes temorozos, se envejzos lizonjeiros: hum Vasco [entrelinha: sej ou Lej] Martim da Cunha, descendente de D. Payo da Cunha, a quem D. Afonso Henriques primeiro Rej de Portugal, lhe deo as cunhas por

armas; porque se metia como cunha nas partes perigozas, contra os Mouros, obrando açoens façanhozas: muitos eraõ estes apaixonados pella parte de Castella, mas nem assim pode renderse este Jmperio; ouçamos por fim ao dito Lozano l. 3. c. 8.

= En la batalla, que dexamos dicha (falla de que tiveraõ
 = com D. Nuno Alveres Pereira) con tantos Portuguezes de parte
 = de Castilla, nos dieron en los cascos; en otros encuentros lo
 = mismo; en la de Aljubarrota, mirese lo que passo, miresse los
 = que faltaron, quantos fueron, y vease de los Castellanos infelizes la muchedumbre infinita, que quedo alagada en sangre.
 = = Tudo favor do Ceo para Portugal, auxilios do Senhor para os Luzitanos; que como agradecidos a tanto beneficio, todos os annos rendem ao mesmo Senhor obsequiozos cultos; e como se julgou vencedor por interceção de Maria Santissima no mesmo dia da victoria 14 de Agosto se festeja esta Senhora. Pella entrada de ElRej D. Phelipe 2. de Castella neste Rejno sessou esta festa que se fazia em Lisboa em Nossa Senhora da Graça; porem nas outras partes deste Rejno ainda hoje permanece este devido obsequio, como he na nobre, e leal villa de Guimaraens no Padraõ de Nossa Senhora da Oliveira, em honra da mesma Senhora da Victoria, dando graças a Deos, e naõ as insolencias que dis o P.º Mariana, e segue Lozano: atravessa-se a lança de ElRej D. Joaõ 1º no Padraõ desta Senhora, e na lança se suspende huã saja [pág. 30] como sáya de malhas, ou purpura da Magestadde, triumpho offerecido áquella Jmperatriz que sem armas tudo vence, e tudo domina; Fr. Agostinho de Santa Maria no seo Santuario Marian. tom. 4. l. I. tit. 8. onde dis:

= Que alcançada a victoria, no anno 1385. foj ElRej a pé de Aljubarota athé Guimaraens a dar graças a nossa Senhora, e estando na sua presença lhe falou o devoto Rej desta forma
 = = Senhora, eu confesso, e quero que todos saibaõ, que eu por vosas virtudes somente vencí esta batalha, e que no ponto, e hora, que estava nella entrar, dej hum grande espirro, o que tive a mão agouro, pello qual cessey por enton hum pouco de mover para ella, no qual espaço me deitey de brucos, e naõ sey se domindo, se acordado, porem em hum grande pensamento, e agonia vi em visaõ esta vossa caza, tal qual agora a vejo, com aquesta Oliveira, e veyome ao entendimento, que eu por exemplo do primeiro Rey me devia encõmentar a vós, e haver por tomadas as minhas armas da vossa mam, pello qual, eu logo votej, e prometti de fazer o que agora faço, dizendo=

= em minha Oração; Eu vos peço, Senhora de grande merçe, assim
 = como vós ao dito Rey Dom Affonso foiste principio daqueste
 = Reyno, sejais a mim vosso devoto defençaõ delle. = Tanta era
 a devoçaõ, que tinha o devoto Rej a esta Senhora, que não
 emprendia acçaõ alguã que primeiro não fosse procurar o auxi-
 lio, e favor desta Princeza, pondo nos seo altar as armas, e
 depois pedindolhas para pellejar contra seos inimigos, de sua
 patria, e fé, e tanto se agradava esta Senhora do seo obsequio,
 que diz Faria Epit. 1. p. 3. C. 11. n.º 31. Fr. Agostin. de Santa
 Maria ubi sup. que apparecera a Senhora a hum Religiozo de
 meo Padre S. Domingos do Convento do Porto, varaõ de santa
 vida, e que vira ajoelhado a seos pés a ElRej D. Ioaõ 1. rece-
 bendo huã espada, que lhe dava hum Anjo daquelles, que
 acompanhavaõ a Soberana Princeza.

Aeneid 1 12.
juxta finem
Lib 8. justa
finem

Servasti ex undis ubi figere dona solebant
 Laurenti divo, et votas suspendere vestes...
 Hic hasta Aenaeae stabat, etc.
 Arma sub adversa, etc.

[Pág. 31] Este Padraõ em que se suspende aquella
 vestidura, a quem chamaõ pellote, mandou fazer ElRej
 D Affonso 4.: e foj colocada nelle a Imagem de nossa Senhora
 da victoria, por ElRej D. Joaõ. 3. pello triumpho alcançado nos
 campos de Aljubarrota; dis o P.º Antonio de Carvalho na sua
 Crografia Portugueza c. 13. Deste Pellóte fallaraõ os Padres
 da Companhia do Convento de Santarem na Epygrama em
 lovor do Mestre Fr. Luis da Natividade filho de meo Padre
 S. Francisco e Guardiam, que foj no Convento de Guimaraens

Epygrama.

Vide o 2. tom.
da Accademia
dos Humildes.
Conf. 12.

Sustinet hasta sagum, quo se, suaque arma tegebat
 Rex quondam, et magnae Matris Oliva nitet.
 Captat utrumque oculus populo spectante quotanis:
 Algibbarrotam cum sua pugna beat.
 At quaeritur vestem senio Ludovicus ademptum:
 Nec Franciscanum credit adesse sagum.
 Personat ille, hastamque olim, Regemque furentem;
 Quam bona, et hasta fuit, tam bene et ille sonat.
 Si tamen ille cupit vestis renovare senectam,
 En modo, qui priscum nomen, et Omen habet.
 Nam si dat Primum olim Algibbarrotam Joannem:
 Lysia nunc Quarto tota Joanne viret.

Vide fo-
lha 17.

Tomou esta Senhora o titulo da Oliveira do prodigio que aconteceo; porque estando aquella oliveira secca; posto que foj o Padrão reverdeceo com tam felix companhia, e a que athe aquelle tempo se chamava Santa Maria de Guimaraens ficou nomeandose depois Senhora da Oliveira; como dis Cardozo. Na entrada da porta principal desta Senhora a mam direita da parte de fora esta hum escudo de armas de ElRej D. Joaõ. 1. seo reidificador, eluminado, e dourado, entre dois Anjos, por timbre hum Seraphim, sustentando com suas mãos a coroa real, e abaixo do escudo huã pedra com este letreiro: = Era de MCCCCXXV. annos 6 do mes de Majo foj começada esta obra por mandado de ElRej D. Joaõ dado pella graça de Deos a este Rejno de Portugal; este Rej [pág. 32] Rej D. Ioaõ houve batalha real com ElRej D. Joaõ de Castella nos campos de Aljubarrota, e foj della vencedor, e a honra da victoria, que lhe deo Santa Maria, mandou fazer esta obra por Ioaõ Garcia Mestre de Pedraria = Tambem se deve advertir o que dis Cardozo no seo Agiologio Luzitano tom. 1. v. 6. de Sanct. que estando D. Joaõ 1. de Portugal indeterminado a Receber o governo, e coroa deste Rejno; falou, ou tomou conselho com o servo de Deos Fr. Joaõ Barróca, o qual lhe diçe, que naõ so elle seria Regedor, e Senhor deste Rejno, e seos filhos depois de sua morte, mas que havia tambem de ser terror de Africa, conquistando a Cidade de Cepta, apontandolhe o modo, e hora com que havia de vencer o Castello de Lisboa, que mais difficultava esta impreza.

Mas como naõ seria este Reino nas proezas tam insigne, se o seo Monarcha Principal he aquelle poderoso Rej, e Senhor forte, de quem falla o Psalmista dizendo: *Dominus fortis, et potens; Dominus potens in proelio*. Fundou Christo este Rejno para especial Império seo, fazendo nelle as suas vozes; *per me Reges regnant*, aquelle veneravel Rej, e amado filho Affonso Henriques, a quem o mesmo Senhor estabeleceo neste lugar, quando victorioso se acclamou de sinco Rejs Mouros no Campo de Eurique no anno 1139. dizendo o mesmo Senhor *Apparuit tibi, ut initia Regni tui supra firmam petram stabilirem*; e logo mostrando que se era Rejno de Affonso, era tambem Imperio de Christo: *Ego enim aedificator, et dissipator regnorum sum, volo enim in te, et in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteras gentes*; como dizem muitos

graves Authores entre os quais Macedo, c. 9. excel. 4. Berchorio. e Ghinter.

Este he aquelle Reino, que o seo Deos he o seo Monarcha; este he aquelle povo mais amado, e nação do Omnipotente escolhida para instrumento da sua fé, e para que feitos trombetas Evangelicas levassem a sua Lej a gentes Remotissimas: *ut deferatur nomen meum in exterar gentes*. Confeção toda essa America, que pellos Luzitanos tiveraõ a felicidade de se [pág. 33] de se chamarem filhos da Igreja Catholica: Confesseo essa Africa, que tantas mil almas, por mejo dos Portuguezes, foraõ candidas subindo ao Palacio da gloria: Confesseo esse Remotissimo Japam, e tambem a India, onde com a predica dos Ecclesiasticos, e com as armas do Jmperio Luzitano tem flerecido a lei do verdadeiro Deos: Confesseo tambem o Rejno de Marrôchos regado com o sangue dos primeiros sinco Martyres da minha Seraphica Religiam, que felixmente despedio esta Monarchia: e finalmente confesseo todo o mundo, porque a todo elle tem chegado, se naõ com o estrondo das armas, com o echo das vozes Portuguezas o som claro do Evangelho, que manda publicar o Supremo Rej desta Monarchia.

Esta he aquella gente bem aventurada, de quem o mesmo Deos se dignou ser Rej, povo eleito, para nelle estabelecer o seo Jmperio: *Beata gens, cujus est Dominus Deus ejus; populus quem elegit in haereditatem sibi*: este aquelle Rejno, escolhido vaso do melhor metal escolhido pello melhor arteifece para levar a sua Santa Lej as gentes remotissimas: *vas electionis mihi est iste, ut portet nomen meum*. Act. Apost. 9. c. 15. na terra deste escolhido vaso, ou pella gente deste Rejno floreceraõ saudaveis fructos nas estereles plantas dos Reinos das Indias: *Obaudite me divini fructus*: dis o Ecclesiastico 39. e Avendanho Epist. Sacra sect. 3. § 12. dis = *divini fructus sunt Indi ad fidem conversi*; Estas gentes da Jndia saõ os fructos divinos, que plantados no vaso Luzitano, no Dominio Portuguez floreceraõ em Rozas da graça, em fructos da gloria; plantas reguadas para sua vida com o sangue da nação fidelissima Portugueza; bem discretamente o discorreio Macedo c. 9. excel. 7. que aos Portuguezes foj dito aquelle verso do Ps. 18. = *in omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terrae verba eorum*: e juntamente o que Venancio disse de Santiago: *cultoris Domini totum sonus exit in orbem, fructifi-*

cansque Deo terminat orbis finem: Venant. Epygram. de S. Iacob. relatus a Calixto Papa.

Este he aquelle pequeno Rebanho de ovelhas do Summo Pastor, que fortalecidas no seo proprio [pág. 34] proprio Monarcha, não sabem temer os seos inimigos: *nolite timere pusillus grex, qui complacuit patri vestro dare vobis regnum;* agradouse Deos e deu hum Jmperio forte a este pequeno povo Luzitano: *volo in te, et in semine tuo Jmperium mihi stabilire;* e cresceo tanto este lemitado Imperio; *pusillus grex est, qui non de magno minuitur, sed crescit de pusillo,* dis Chrisost. ser. 22. cresceo tanto, que chegou a senhorear o Universo, tendo terras em todas as quatro partes do mundo; ja o disse Iorge Buchamano em huns disticos a ElRej D. Joaõ. 3. como alega Diogo de Teive das couzas de Diu tom. 2. de Espanha illustrada pag. mihi 1346. onde mostra ter ElRej sujeitas terras, que o sol alumea, quando de manhaã Monarcha das luzes alegre nasce infaixado nos encarnados cobertores da formozza Aurora, athe que chegando a nojte se vaj sepultar depojo das trevas nos candidos lençois da formidavel Thétis:

*Inque tuis Phoebus regnis oriensque, cadensque
Vix longum fesso conderet axe diem.*

Dos Cezares Romanos disse Ovidio que tudo quanto do alto ceo via o poderozo Jupiter, ao Imperio Romano estava sujeito:

*Iupiter ex alto totum spectet in orbem,
Nihil nisi Romanum, quod tueatur habet.*

onde com mais acerto dis Macedo p. 1. c. 5. excel. 2.:

*Cum Deus ex alto totum prospectet in orbem,
Vix nisi Lusiadum, quod tueatur habeat.*

Afirma Alberto, citado por Chassaneo p. 5. Catalog. Glorise Mundi pag. 229.: que o Monarcha possuidor de dois Reinos, pode cingir duas coroas; *habens duo regna, potest habere duas coronas;* porque na multiplicidade dos vassallos se exalta a Real dignidade *qui pluribus praeest dicitur major... in multitudine populi dignitas Regis:* Jdem p. 5. Cons. 37. Com muitas coroas se pode cingir a cabeça Real do Monarcha Luzitano; hum tal Senhor como o Rej de Portugal, justamente se devia (*rasura:* com razaõ) mais de huã coroa (se ouvesse coroa alguã que diga se achasse para sua real cabeça) com huã coroa [pág. 35] coroa de fidelidade, e amor; de Magestade, e poder que lhe consagra este Rejno de Portugal. O Rejno do

Algarve reverente lhe offeresse outra não menos victoriosa de subjeição, e socego. Não falando em Africa, tambem subdita a este Monarcha; so mostrarej a coroa toda de ouro requisissima, com que a America em todo o tempo faz poderoso o nosso Fidelissimo Rej. no dilatado, e incompreensivel Jmperio subjeito ao seo poder, e grandeza.

Finalmente nem a India deixa de tributar ao Luzitano Monarcha como Rej que he tambem seo, outra coroa bem formada, e goarnecida com preciozas pedras, de valor requissimo, com que juntamente acclama o Poderozo Rej da Luzitania: Monarcha nas quatro partes do mundo, tributandolhe cada Rejno a sua coroa, e se o Rej, Senhor de dois Rejnos poder ornarse com duas coroas (Com tres se coroa o Imperador, huã de ferro, outra, de prata, e outra de ouro) quatro coroas ao menos são devidas ao Rej de Portugal, Rej do Algarve, Rej na India, e na America tambem Rej; *habens duo regna, potest habere duas coronas*; logo tambem *habens quatuor Regna, potest habere quatuor coronas*. Ditozo Monarcha; felix nação, felix mil vezes, pois o mesmo Deos se da por alegre, e satisfeito de ser desta bemaventurada gente Luzitana, disse Mau-sinho Cant. 1. =

Pos Deos os olhos no fervor ardente,

De hum Christaõ zelo em lagrimas desfeito,

E de ser Deos de tam devota gente,

Ficou comigo alegre, e satisfeito.

... ..

Eu te aseguro An.^{to} que este seja

O povo meo, que eu seu Deos me chame,

Emquanto neste puro estado o veja,

Que por mim se honre, e por mim se afame.

Dis Raulino Serm. 2. de Nativit. Virg. que o povo mais honrado he aquelle, que do seo Rej he o mais amado; *ille populus magis honoratur à Rege, qui est magis delèctus*. O ultimo filho dis o mesmo Au- [pág. 36] Author he o mais quirido; assim como Benjamim, que por ultimo nascido foj no amor estre-mado: *qui ultimus, et ultimus communiter magis dilectus est, sicut Benjamin*: e esta sem duvida serà a razaõ por que dis o Psalmista: *ibi Benjamin adolescentulus, in mentis excessu*. Estes excessos do amor de Deos se encaminharão ao ultimo Rejno do mundo, ao ditozo Jmperio dos ultimos fins da terra:

nesses fins da terra pos os olhos do seo amor quando mandou huma enchente de graças, hum Oceão de rozas, huã aurora de flores muito de madrugada athe chegar a este ultimo fim da terra: *et factus est tremes abundans, et fluvius meus appropinquavit ad mare, quomniam doctrinam quasi antelucanum illumino omnibus, et enarrabo illam usque in longinquum*: Eccl. c. 24. v. 43. Onde dis Lyra *factus est mihi tremes, id est difusio doctrinae per praedicationem Apostulorum usque in longinquum... id est usque ad ultimum terrae*.

Naõ posso deixar de advertir aqui, o que diz Flavio Dextro in Chron. an. 34. sobre o texto de S. Ioaõ c. 12. v. 20. *erant quidam gentiles, ex his qui assenderant, ut adorarent in die festo... et rogabant dicentes... volumus videre Jesum*: onde *erant Hispani, qui voluerunt videre, et loqui Iesum, cupientes, ut gentibus suae terrae praedicaretur*: forão os Espanhoes deste Rejno a Jerusalem, e queriaõ ver, e fallar a Christo, para o mover a que viesse pregar as gentes da sua terra, e querendo Christo satisfazer a tam pio, e justo dezejo he de crer mandaria o Apostolo Santiago; e como o mandou aos fins da terra, dos fins da terra eraõ os que supplicavaõ. A mesma Recomendação fez o mesmo Senhor a todos os Apostolos, pairesse pello grande affecto desta terra: *eritis mihi testes in Ierusalem... et usque ad ultimum terrae*. Ja o Psalmista o tinha advertido: *et in fines orbis verba eorum*: onde diz Leblanc ibi: *sunt qui per Jacobum hanc prophetiam complectam esse velint, cum in Gallaeciam Hispaniae Provinciam, quae finis terrae dicitur, penetravit*: pos Deos os olhos da sua misericordia nos ultimos fins da terra, quando mandou o Apostulo Santiago, como [pág. 37] como aurora da graça espalhar as luzes da vida na Provincia de Galliza.

ENTRE DOURO, E MINHO

Outra excellencia novamente se descobre a este Rejno ditozo. Lendo nos, nos Authores de melhor nota acharemos, que a Provincia de Galliza, era a que agora chamamos Provincia de Douro, e Minho, e bem o mostra o Papa Calisto 2. in prolog. transl. S. Jacob.: *Novem vero in Gallecia, dum adhuc viveret Apostolus elegisse dicitur, quorum septem... cum eo Hyerosolymam perrexesse*: em sua vida, se conta que o Apostolo Santiago escolheo nove discipolos na Provincia de Galliza,

= e sette dos quais o acompanharaõ a Jeruzalem: e Macedo dis
 = no c. 9. excel. 2. significando aquella palavra *Gallicia* la parte
 = de Portugal, que se llama entre Duero, y Miño... hemos de
 = dizer, que la palavra *Gallicia*, se entiende lo de Portugal, que oy
 = se llama entre Duero, y Miño, y confina con Galicia, y en
 = aquellos tiempos se llamava *Galici*; porque segun la division
 = antigua, la Luzitania no llegava mas, que hasta el Rio Duero,
 = y todo lo de la otra parte era Galicia, como se pode ver en
 = todos, los que tratan destas divisiones.

Isto mesmo se pode ver em D. Rodrigo da Cunha Catalogo dos Bispos do Porto. Gaspar Estago, e outros. Andre de Resende pag. 939. dis que Publio Licinio Crasso triumphou dos Luzitanos naquelle parte de Galliza, que era dos Bracharos (isto he dos Bracharenses) *Hunc in Lusitania, et eae Callaeciae parte, quo Bracharorum est ad bellum gessisse*. E Estrabaõ in Geograph. l. 3. pag. 144. dis fallando dos Callaicos, ou Gallegos, que pella major parte habitavaõ pellos montes, de que lhes procedia o serem tam guerreiros, e difficultozos de vencer: *Callaici autem novissimi montana habitantes, ut plurimum, unde et bellacissimi, et subjugatu defficilimi*. Estes Callaicos, ou Gallegos de quem falla Estrabaõ eraõ os filhos da Provincia de entre o Douro, e Minho, como elle mesmo tras de Claudio Ptolomeo: [pág. 38] *Ptolomeo: quae ad mare protenduntur inter fluvios Minium, et Doriam tenent Callaici Bracharii*; eraõ os Gallegos Bracharenses senhores de entre Douro, e Minho.

Depois que Theodorico Rej dos Godos venceu a Hermenrico, fugindo este ferido na batalha, foj para as ultimas Cidades de Galliza, diz Jdacio Olimpiada 309.: *ipse ad extremas sedes Galleciae plagatus vix evadit, et profugus*; e seguindo= o Theodorico com seo exercito chegou a Braga; *Theodorico Rege cum exercitu ad Bracharam extremam Civitatem Gallaeciae pertendente*. O mesmo Jdacio Olimpiad. 310. dis que os Suevos roubaraõ, e saquearaõ a Região de Galliza, vezinha ao Rio Douro, por mandado do seo Rej Maldras: *jubente Maldra Suévi in solitam perfidiam versi, regionem Galleciae adherentem fluvio Durio depraedantur*. Sampiro Bispo de Astorga em sua hist. pag. 69. na edicaõ de Sandoval, dis, que entrou ElRej D. Sancho o Gordo com seo exercito em Galliza, e a subjeitou athe o Rio Douro, que divide Portugal: *Egressus Rex Sancius ex Legione venit Galleciae, et domuit eam usque ad fluvium*

Dorii in Portucale. O mesmo dis o Mestre Maximo an. 610. fallando do Bispado de Vianna: *Episcopatus Viannensis in Gallecia.* E Dextro an. Christi 290. *Viannae in Galleciâ:* ambos mostraõ, que a nossa villa de Vianna esta cituada na Provincia de Galiza, sendo entre Douro, e Minho. E finalmente he isto couza bem sabida dos Historiadores, que a Provinciacia a quem chamaõ Galliza he esta de entre Douro, e Minho, bem a conheceo Nicolao Causino na sua Corte Santa fallando dos Santos de Espanha dis = *En Guimaraens de la antigua Galiza, que yoy es de Portugal,* etc.

Nesta Provincia pois, nestes fins da terra pos Deos os olhos da sua misericordia: *ipsi enim fines orbis intuetur: fines mundi propter fines terrae* dis Pinêda ibid. Esta he aquella celebrada Provincia de todos os Corôgraphos, que della fallaraõ, nem elles podiaõ engrandecer este dito Imperio, se não publicassem as grandezas e excellencias deste paiz; tanto assim que disse Abraham Ortelio *Theatr. orb. tab. Portugal* = que a bondade da Provincia [pág. 39] cia de entre Douro, e Minho he de sorte, que não pode encarecerse, nem declararse = Não quero dilatarme em louvar as letras dos filhos della; pois para mostrar nelles huã especial propensaõ basta saber, que florendo a fama de grande sciencia de Tito Livio, foraõ os Portuguezes desta Provincia a Roma so a fim de ver homem taõ douto, e quais a Rainha Sabbâ ouvir a sabedoria de Salamam: como dis Fr. Bernardo de Brito *Monarch. Lusit.* declarando aquellas palavras de S. Jeronimo in *Prol. Bibliae: de ultimis Hispaniae finibus;* e esta he a Razaõ por que os filhos desta Provincia sempre se mostravaõ afeiçoados a Deosa Minerva, que era tida por Maj da sabedoria; dis Estrabão 1.3. confirmando este dito aquella medalha que se achou nas ruinas do templo de Santiago na villa de Guimaraens de que falla o dito Fr. Bernardo de Brito, Estaço, e outros.

Naõ devia tambem fallar na fertilidade de suas terras, amenidade de seos campos, e vistozo de seos valles; os montes saõ de flores, que entre vistozos valverdes prendem a vista dos mais desapegados do mundo. Naõ faltou quem dicesse que se havia paraizo terreal era a Provincia de entre Douro, e Minho. Faria proferio, que se houve campos Elysios eraõ estes, e se os não houve estes se deviaõ chamar. Diziaõ os Antigos Poetas, e mais Authores que o Rio Lethes banhava os campos Elysios, Rio de esquecimento que Regava aquella glorioza planicie, a

qual servia as ditozas almas de melhor recreo: Cegamente o dis Virg. l. 6. quando descendo Eneas ao Inferno para fallar a seo Paj Enchyses vio huns lugares alegres, frescos vergeis, amenas florestas, descanso ditozo para os bemaventurados, bosques, e prados floridos, quaes eraõ os campos Elysios: =

Devenére locos Laetos, et amena vitéta
 Fortunatorum nemorum, sedesque beatas
 Largior hñc campos aether, et lumine vertit
 Purpureo; solemque suum, sua sidera norunt, etc.
 Pello

[Pág. 40] Pello mejo destes campos Elysios, destes frondozos bosques, e valles amenos, como sem movimento corria agradavel o Rio Lethes:

Interea videt Aeneas in valle reducta
 Seclusum nemus, et virgulta sonantia silvis,
 Laetheumque, domos placidas. qui praenotat amnem.
 Hunc circum innumerae gentes, populique volabant.

Todas estas bondades, e excellencias traz o Poeta, para expressar do modo possivel a benignidade aprazivel, e recreo desta Provincia de entre Douro, e Minho, pois bem sabido he pellos noticiozos que estes campos, de que falla este, e os mais Poetas saõ os desta Provincia, e o Rio Lethes, o Rio Lima, que pello vagar com que move suas agoas lhe chamaõ rio do esquecimento, ou pella bondade do clima a todos os estrangeiros faz esquecer das suas proprias terras:

Multa quies habitat, saxo tamen exit ab imo;
 Rivus aquae Lethes, per quem cum murmure lambens
 Invitat somnos crepitantibus unda capillis.

Qui super Gravios lucentes volvit arenas,
 Infernae referens populis oblivia Lethes.

alibi
 Stix; Acheron; Lethe; Cocytus; cum Phlegetonte;
 Odit; tristatur; dediscit; luget, et ardet.
 Stix odium; Phlegetons ardens; oblivio Lethe;
 Ocytion luctus; triste sonans Acheron.

Mas para mais clara intelligencia dos Authores he necessario advertir que os Poetas chamavaõ inferno aquella parte da

terra, que ficava mais baixa, e inferior; como se deixa ver naquella fuga que Saturno fez com temor de seo filho Jupiter, porque sendo Saturno livre das mãos de Titam, Jupiter seo filho o livrou da cadea, e tomou para si o Reino, e vendo Saturno, e sentin- [pág. 41] tindo o que seo filho com elle depois obrava, procurou secretamente que os Titaães o prendessem: Sabido isto por Iupiter quis matar o seo Paj Saturno, motor da tirania, o qual sabendo do filho o seo intento fugio para Italia, e por isso diz a fábola, que Iupiter deitou seo Paj Saturno no Inferno

Ovid. Meth.
l. 1.

*Postquam Saturno tenebrosa in tartara misso,
Sub Iove mundus erat, subiitque argentea proles.*

Depois que Iupiter deitou a Saturno nos escuros infernos, estava o mundo em poder do mesmo Jupiter, e entã vejo a idade de prata: isto dis o Poeta, porque Jupiter não foj Rej enquanto não desterrou a seo Paj; e o dizer que o deitou nos infernos, he porque fugindo Satúrno de Grecia vejo para Italia, chamando os poetas a parte Oriental do mundo Ceo, e a parte Occidental inferno, porque mais baixa ou inferior; vinha a ser Italia inferno de *infra*, por ficar mais occidental, que Grecia, que lhe ficava ao Oriente. O mesmo mostra Virg. Aeneid 1.8. =

Primus ab aethereo venit Saturnus olympo
Arma Iovis fugiens, et regnis exul ademptis.
Si genus indocile, ac dispersum montibus altis
Composuit, legesque dedit, Latiumque vocari
Maluit, his quoniam latuisset tutus in oris.
Aureaque, ut perhibent, illo sub Rege fuere
Secuta, sic placida populos in pace regebat, etc.

Este he aquelle Jupiter (dis Moya na sua Philosophia) filho de Saturno que na Ilha Candia de Grecia nasceo de Opis, Jrmaã, e mulher do mesmo Saturno, como mostra Ovid Meth. l. 1.

*Dii melius dii nempe suas habere sorores
Sic Saturnus Opim junctum sibi sanguine duxit.*

Com esta noticia agora fica mais claro que estaõ os campos Elisios nesta Provincia de entre Douro, e Minho, porque dizendo

os Poetas que estes estavaõ junto do Inferno, os quais reguava o rio Lethes com suas somnolentas agoas, e chamando inferno as terras Occidentaes, e as Orientaes Ceo, claro fica o nosso [pág. 42] nosso asserto; e o mostra o mesmo Virg. Aeneid. 6.

Haec iter Elysium nobis. At laeva malorum
Exercet poenas, et ad impia Tartara mittit.

Sedibus Elysiis, campoque expulsa piorum
Ed stygias, inquit, tenebras, manesque nocentes
Post bellum civile traher...

Lucano l.13
bell civil

O que tudo mostra que ficaõ os campos Elysios nesta nossa Provincia mais occidental, situada nos fins da terra, como ja mostrei a fol. 36. etc., e que o Rio Lethes he o Rio Lima, que com suas vagarozas agoas faz aprazivel os vistozos, e deleitaveis campos, que suas correntes logram, roubando aos caminhantes seos sentidos, e as attençoens aos estrangeiros:

= *Infernae referens populis oblivia Lethes.* =

Ninguem o disse melhor que Carlos de Rue Author Francez na explicação, que fez ao Poeta ad usum Delphinum, onde no v. 323. l. 6. = *Fluvius Lethaeus unus fuit in Portugalia vulgo Lima justa Strabonem, et Melam.* [Acrescento marginal: Abest vero Oblivio, sive Lima fluvius, Lethem Graeci appellant ab Augusta Bracharorum Metropoli leucis quinque: dis Vaseo tom. I. Chronicor. Hispaniae]. Aquella grande, e alta lagôa aquelle inferno de que fallaõ os Poetas, que estava junto do rio Lethes, e que dos campos Elisios se avistava = *Cocyti stagna alta vides, Stygiamque paludem* = era o alto, e grande mar Occeãno, que vezinho fica destes campos, onde o Rio Lima depozita suas correntes pella barra de Vianna.

Macedo c. 1. excel. 6 dis = *es cierto, que afirman los Antigos, que el Rio Lethes estava en los campos Elysios. Este rio bien se sabe, que esta en entre Duero, y Miño, a quien vulgarmente llaman Lyma.* E na excel. 2. c. 2. dis o mesmo. Isto basta para mostrar que naõ ha em todo o mundo igoal terra com tanta bondade com a Provincia de entre Douro, e Minho; porque fallando os Corôgraphos das bondades das terras dizem; que de todas do mundo he a Europa a melhor terra, da Európa melhor as Espanhas, destas he a mais excellente o Reino de Portugal, e que deste Rejno a melhor Pro- [pág. 43] Provincia he a

dentre Douro, e Minho, ficando assim evidentemente mostrado, que he esta nossa Provincia a melhor terra do mundo.

Para clareza desta verdade ponhamos os olhos em huã Provincia tam pequena, e lemitada, que não tem mais de 18. legoas de extençaõ, e 12. de largura, e em algũas partes 8. somente e veremos tantos rios caudalozos, que fazem as suas terras fertis; ornadas, e prezas suas agoas, mais que todas cristalinas com 200. pontes de grande fabrica, e architectura, deixadas algũas menos notaveis, como com outros Authores Macedo c. 2. excell. 2. com 25000. fontes como affirma Ortel. supra. Faria Epit 4. p. c. 5. n.º 4. Agost. Barb. in Past. p. 1. tit. 3. c. 8. n. 4. Estaço etc. mais de 2000. lavradores: Gaspar Estaço. Macedo excel. 3. c. et 4. dis que sustenta esta Provincia mais. 400.000. bois, e vacas; e mais de 10.000.000. carneiros, ovelhas, e outro gado miudo: e no c. 9. excel. 9. dis que as Igrejas Parochiaes seraõ: 1460 pouco mais ou menos, e que tem mais de 130. Mosteiros com rendas muito avultadas; e na excel. 3. mostrando a sua opulencia dis que paga cada anno às Igrejas 100.000.000. Nem o grande templo do sabio Rej podia chegar a ser tam afamado no precioso, senaõ lograsse desta Provincia o metal mais puro, ouro riquissimo, para o seo adorno, e composiçaõ.

Estaõ he mais acertada entre os Authores que aquelle famozo paiz de Ophir, para onde navegavaõ todos os tres annos as frotas carregadas, ou avultadas de Salamaõ e donde conduzia, para sua corte grande copia de ouro, prata, e mais pedras preciosas, com que se sustentava em magnificencia, era a nossa Provincia de entre Douro, e Minho; ainda que o não dixerá Flavio Dextro na sua Chron. an. de Christ 66: *Ratem in Lusitania oppidum Bracharam esse in regione Ophirina, à Nepòtibus Ophir illic appulsis nomen hoc obtinente*; dis que no Reino de Portugal no Arcebispado de Braga esta a villa de Rates, a qual tomou o nome Ophirina dos Netos de Ophir, que ali desembarcaraõ; bastava seguilla o grande Vivar, e juntamente ser opiniaõ do Padre-Mestre Fr. Joaõ de S. Thomaz filho do de meo Padre S. Domingos no tom 6. quaest. 3. para merecer o credito de [pág. 44] de mais verdadeira.

Não me quero dilatar narrando a gentileza dos homens desta Provincia, boa indole, e costumes: a gravidade do sexo femenino, recato, e cautella; sendo cada donzella hum Argos para a vigilancia da sua honra, e conservassaõ da sua fama pura, hum retrato da pureza, e símbolo da castidade; sendo menos

custozo perderem a vida (ô utinam) do que viverem na reputação mortas: vivem as viuvas mortas; morrem as cazadas vivas; e finalmente todas assim vivem mortas; porque todas vivem como devem. Tambem me não dilatareij em mostrar a fecundidade não so das terras, e irracionaes, mas ainda das mesmas gentes; pois basta ler o que dis o P.^o Vivar in Com. Dextr. an. 138. onde dis, que huã molher, chamada Maria Marcella nascida no lugar de Anele Archebispado de Braga pario de hum parto junto sette filhos varoens, os quaes todos depois se ordenaraõ e tiveraõ beneficios, e que foraõ esculpidos na sepultura de sua Maj. Manoel Barboza. Daciano Alyr. in Orat. contra Graecos; conta, que junto da Cidade de Braga hua Iignes do cazal de Goidoy cazou sette vezes, e de todos os maridos teve filhos, que com nêtos, e bisnêtos eraõ 109.

Joaõ Affonso do cazal do Bairro da freguesia de Nespereira termo de Guimaraens cazou segunda ves de 90. annos de idade, e teve desta segunda molher hum filho, o qual sendo de hum anno, tinha hum irmão, que era de 70. nascido da primeira molher: Macedo excel. 1. Catarina Diniz molher de Ioaõ Martinz do lugar do Soutelo freguesia de Canedo termo de Basto pario hum filho, e dahia a tres semanas pario outro, ambos viveraõ. Catarina Gonsalves cazada na freguesia da Madaglena junto a *Arrifana* [nota à margem: Agora se chama *Pena fiel*] de Souza pario huã filha, e dehia a 15. dias pario outra, e ambas viveraõ. Estaço. Duas legoas de Braga estava hum homen de mais de 100. annos, de quem procedia todo o lugar, e conheço em sua vida 400. filhos, netos, e bisnetos: o P.^o Fr. Antonio de Vasconcelos in Discript. Lusit. IV, regione intr. nat. Macedo excel. 1. Em Braga Calcia, molher de Attílio Sevéro Régulo Bracharense deo a luz da vida de hum parto nove filhas, as quais [pág. 45] quais todas viveraõ e foraõ Santas Virgens, e Martyres, a saber Quiteria [nota à margem: o contrario dis este Author *fls.* 127.], Gemma, Eumelia, Genivera, Germana, Wilgeforte, Basilia, Victoria, e Marianna: como consta da sua lenda approvada pella Igreja.

Com razão se podem queixar os grandes nas armas desta Provincia, conhecidos no orbe pellas suas façanhas; publicquem-no os mesmos contrarios, esses Romanos, quando conquistando todo o mundo, e subjugando ao seo Imperio, quasi todo o Universo, nunca podiaõ render ao seo dominio o povo desta Provincia invencivel: Nunca mais se empenharaõ estes, do que

quando confirmado no officio de Pretor Dèceio Bruto no anno 135. e querendo subjeitar ao poder Romano toda a Luzitania, passaraõ o rio Lima, rio do esquecimento chamado Lethes a instancia do seo Pretor Dèceio Bruto, que vendo estar o exercito parado, porque temiaõ esquecerem-se das couzas Romanas, depois de passadas estas agoas Letheas; pegou o Pretor de hũa bandeira da mã de hum soldado, e passando o rio para a outra parte disselhes, que as agoas do esquecimento se passavaõ no vão da morte, e naõ emquanto durava a vida; e que ainda elle se lembrava das couzas Romanas. Foj este exercito com valor athe chegar aquella celebre, e valeroza Cidade Citânia, e pondolhe cerco, gastaraõ alguns dias combatendoa com o major valor, e forças a que chegava o seo alto espirito; mas os Citanienses contanto brio a defenderaõ, que cauzando espanto, e admiração aos Romanos, determinaraõ estes commeterlhes partido, mandandolhes dizer, que lhes deçem certa quantia de dinheiro, para pagar os gastos do exercito, e que os aceitariaõ em lugar de amigos; mas o heroico brio dos Citanienses verdadeiros filhos desta Provincia dis Valerio Maximo l. 6. cap. 4. todos uniformes lhes responderaõ que a herança de seos antepassados, e bens que pessuaõ delles eraõ armas para defender sua patria de tiranos, e avarentos, e naõ dinheiro para comprar a liberdade: *uno ore legatis Bruti respondit; ferrum sibi à majoribus, quo urbe tuerentur, non aurum, quo libertatem ab Imperatore avàro emerent, relictum:* Esta resposta muito engrandese o dito Valerio Maximo dizendo que mais a queria ouvir a Gentes Romanas, do que aos Estrangeiros.

Al-

[Pág. 46] Alguns menos vistos nas couzas do Rejno quizerã duvidar desta Cidade Citania; porem com pouco fundamento firmavaõ a sua duvida; porque ou era malicia formal, ou affectada ignorancia. Estava esta Cidade junto do rio Ave, como dizem Authores gravissimos, entre os quais D. Fr. Amador Araiz no Dial. 4. c. 4. Macedo no c. 2. excel. 2 = Citania, Ciudad celebre en los tiempos antigos fundada junto al rio Ave... El rio Ave, de quien mil vezes hablan las historias, por occasion de la Ciudad de Citania, o Cinania. Faria, e Souza Epit tom. 1. p. 2. § 8. E entre muntos D. Raphael Bluteau no seo Dicionario lit. C. onde dis = Citania, antiguamente Cinania, hoje com pouca corruçaõ os moradores lhe chamaõ

= Citania, são os vestígios de hua antiga Cidade de Portugal
 = no Arcebispado de Braga, cujos habitantes tiverão tanto brio,
 = e tam galhardo espirito, que citados por Bruto, (conquistador
 = da major parte da Lusitania) a seos embaixadores... respon-
 = deraõ a hua voz, que seos antepassados lhes deixaraõ ferro
 = com que defendessem a patria, e não ouro com que comprassem
 = a liberdade a General avaro. = Esta famoza Cidade como
 = outras de Espanha foj destruida na invasão dos Mouros, e no
 = mejo das cinzas conserva incorrupto o nome de seos gloriosos
 = habitantes.

Esta a certeza da existencia da dita Cidade; e esta tam-
 bem a sua valentia; porem como não pôde *Erchules contra duo*,
 passados 40. annos de continuas guerras, captivou Decio Bruto,
 e venceu todas as Espanhas; não pode esta Provincia rezistir
 a tanto valor, e multidão tam grande de soldados: *Decius*
Iunius Brutus... non solum Lusitanos in Hispania domuit...
sed etiam Calécicos [emenda sobre: *Calaecos*] *Lusitaniae fini-*
timos = Estrabaõ Geograf. l. 3.; e assim fizeraõ amigaveis
 pazes sujeitando-se ao seo imperio; mas como briosos animos,
 nunca o Pretor pode conseguir delles, tomassem armas contra
 os mais Protuguezes, sendo isto de ordinario executado nos
 mais de Espanha: Fr. Bernard. de Brit. Monarch. Lusit. l. 3.
 c. 12. Faria Epit. p. 1. c. 8. n° 3. Macedo c. 13. excel. 2.

A esta

[Pág 47] A esta Provincia em lugar de emulação devia
 todo o Reino tributar obsequios, e render adoraçoens, por lhe
 dar os majores homens de que tanto se glorea este ditozo
 Imperio. O primeiro Rey, e veneravel D. Affonso Enriques.
 O primeiro Papa. O primeiro Cardeal; e o primeiro Bispo, não
 falando em muitos mais, e mui avultados varoens nas virtudes,
 nas letras, e nas armas: e para que a minha Seraphica Religiam
 não fique tambem sem a honra de ter desta Provincia hum
 filho, que della fosse benigno Paj: que direj do insigne Fr. Gon-
 çalo de Valbom, Generalissimo, que foj de toda a Ordem; aquelle
 que passou Patente, e deo licença, e a sua custa doutorou o
 subtilissimo, e entodas as idades grande Doutor, Joaõ Dunx
 Scoto na Universidade de Pariz? Deste Prellado diz Cardozo
 tom. 2. a 13. de Abril, que era dos majores letrados do seo
 tempo. Mestre na Sagrada Theologia, e que foj elleito Geral em
 Assiz no an. 1304. sem discrepancia de hum so voto, e confir-
 mado pello Sumo Pontifice Benedicto II. offerecendo o seo pa-

trocínio, e favor para tudo o que fosse para bem da Seraphica Religiaõ; de quem alcançou Officio Ecclesiastico, para se rezar do meo Santo Patriarcha na Igreja Universal. Muito trabalhou na vinha seraphica, com verdadeiro zelo do Senhor athe que chejo de merecimento acabou a vida em Pariz. Refere S. An.¹⁰ Arcebispo de Florença, que depois de seo transito, appareceu por vezes gloriozo, e resplendente em magestoso throno, com sceptro, e coroa de ouro a alguns Religiozos do mesmo convento, aos quais dice, que aquelle era o premio que lhe fora assignado no ceo pella pureza, que na vida guardara. Desta Provincia foj este servo de Deos natural, como afirmaõ entre outros; Alvaro Paez, Bispo de Silves na sua obra de Planctu Eccl. l.2. c. 33. et. 67. Pedro Redulfo in Hist. Ordin. Min. l.2. fol. 185. Fr. Henrique Willot. in Athenis Ord. lit G. Possenino tom. 1. de Script. Eccl. l. G.

Que admiracão não cauzavaõ os grandes, e muitos Santos, que floreceraõ neste jardim dos Elysios, como flores da Divindade junto aos fins da terra? Dice Hacedo c. 9. excel. 10 falando dos Santos deste Reino: = Son tantos, y tan grandes, que otros = Rinos los quieren hazer sus [pág. 48] sus naturales, para hon- = rarse con ellos. Los que van por tierras de Catholicos... van = para honrarlas, porque ha Dios honrado a Portugal siempre = con esta prerogativa, de que con sus naturales sanctos honrase = los demas Rejnos, y la virtude, que por tener muchos seme- = jantes no lustrava tanto en Portugal, resplandeciese sola en = las Provincias estrañas. = Pouco tempo seraõ muitos seculos, = poucas as cem lingoas da fama, para publicar o seo numero santidade e virtudes; mas como o meo intento a hum so se emcaminha; a esse so terminarej o meo discurso, deixando com magoa grande a noticia de tantos, e tam avultados nos incendios Altissimos, enchendo o mundo de Rajos, e subindo ao alto Olimpo saõ perfumes de amor agradavel ao Omnipotente, e Rej Supremo.

Junto do rio Lethes dis o Poeta passeavaõ muitas gentes e povos innumeraveis, que todos eraõ bemaventurados, e almas santas de corpos ditozos. Diz tambem que nestes campos vira aquelle sacerdote natural de Thracia, o grande Orfeo, que com sua citera de sette cordas agradava aos Deoses em bom concerto:

Aeneid. 6.

Hunc circum innumerae gentes, populique volabant
 Devenere lacos laetos, et amena viréta
 Fortunatorum nemurum, sedesque beatas
 Nec non Freicius longâ cum veste sacerdos
 Obloquitur numeris septem discrimina vocum.

Isaias 58.

Este Orfeo foj aquelle grande Apostolo Santiago, que nestes Elysios campos, nesta Provincia do Minho com o toque da sua predica, e bom concerto da sua doutrina, fes bõa sonancia, e soava melodia nos ouvidos da Divindade: *clama, ne cesses quasi tuba exalta vocem tuam*: ajustou para o coro da gloria aquellas sette cordas na muzica Divina; sette discipulos, que entre outros melhor sonancia fizeraõ na lei da graça, requintando entre todos na santidade S. Torquato: *Hispaniae, et Occidentalium locorum populis Evangelium praedicavit, et in Occa- [pág. 49] in Occasum mundi lucem praedicationis infudit*; dis S. Isidoro De vita et obitu sanct. c. 73. Esta parte de Espanha e lugares occidentaes do mundo ja esta mostrado ser esta Provincia de entre Douro, e Minho. Sette foraõ estas bem ajustadas, entre outras suaves cordas: *in Hispaniam profectus, ibi aliquos ad Christum convertit, ex quorum numero septem postea Episcopi à Beato Petro ordinati in Hispaniam primi directi sunt*: ex lenda ejusdem 15. Iulii.

A melhor musica, e mais excellente harmonia, dis Laureto Syl. Aleg. de num. septem.: Se a Lira, que consta de sette cordas; *in musica lyra chordarum septem praestantissima est instrumentorum ferme omnium*. O mesmo ja louvou Venosina no seo V. Saphico Cant. 3. v. 11.

*Tuque testudo resonare septem
 Calida nevis...*

De sette cordas da Citera Evangelica, ou de sette discipulos deste santo Apostolado, trazem os Bolandos tirado do Breviario Pinuatense, que saõ dignas de acompanhamento suave pellas trombetas immortaes do candido louvor: *quorum septem perpetuo nomine digni*. Estes saõ os sette muros, com que se goarnee a Cidade de Roma, cabeça do mundo, gloria do orbe, e formozura da terra; e os sette montes da sua glorioza fundaçã, agradaveis a divindade

- Virg. Georg.
1. 4. Et rerum facta est pulcherrima Roma,
septemque una sibi muro circumdit arces.
- Ovid. trist.
1. 1. Setque de septem totum circumspexit orbem.
Montibus Jmperij Roma, deumque locus.
- Orat. in Carm.
facund. Dij quibus septem placuere colles.

Estes os montes santos em que Deos fundou a sua Igreja *fundamenta ejus in montibus sanctis*. Estes as sette bocas do grande Nilo, que no mar da gloria daõ entrada aos navegantes desta vida = *Et septem gemini turbant trepida ostia Ni* [pág. 50] *Nili*: fertilizando primeiro as terras ditozas de suas correntes: *Sic ubi deseruit septem fluviis agros Nilus*. Estes os sette filhos offerecidos ao Altissimo por esta felix Provincia; assim como aquella Rainha Amestre, espoza de Xerxes Rej dos Persas offereceo ao Deos Subterraneo, a quem adorava em sinal de sua Real gratidaõ a sette filhos, que tinha, sepultandoos a todos vivos. Estes saõ as sette estrelas, chamadas Plejades, que no nojte escura da idolatria deraõ resplendentes luses da graça, aos que viviaõ cegos na ignorancia: *Plejades sunt septem stellae vicinae, et invicem ordinatae. Plajadas viros sanctos, et maxime praedicatores disignant*: dis Berch. Reduct. Moral. de Plejadibus.

Misteriozõ foj sempre o numero septenario: neste numero se figurou o ministerio inefavel da Incarnação do Verbo Divino, quando do alto Carmelo observava o servo de Deos o Santo Profeta Elias sette veses, athe que vio aquella pequena nuvem de agoas doces, que sahindo das salgadas agoas, do impolado mar cobrio a terra com admiravel grandeza. Dizem outros, que nesta figura se divizava Maria Santissima no instante primeiro da sua conceição pura, e immaculada. Sette varoens foraõ do ceo pronunciados antes do seo nascimento dis Guilherme Onciano cap. 7. de num. = *Septem praenuntiati priusquam nascerentur, Ismael, Sampron, Hieremias, Ioannes Baptista, Iacobus, Christus Iesus*. Sette Cidades teve a Grecia, dis Auzônio, as quais todas competiraõ em possuir o grande Homero:

*Smyrna, Rodos, Colophon, Salamin, Chio, Aegos, Athenae:
Urbus de patria certant Homère tua.*

Por sette cauzas deve fugir o bom da companhia do máo, dis S. Bernardino de Sen. tom. 4. ser. 7. Dom. 3. post Pent.

art. 3. cap. 3. *Propter septem à nobis vitandi sunt mali.* E S. Vicente Ferr. dist. 101. dis que sette imperfeigoens fazem qualquer mulher má, e perversa: *Signa malae mulieris sunt septem.* Aruinouse a soberba Cidade de Iericho com sette voltas, que por fora della deo a arca do Senhor Josue cap. 4. Os antigos doutos, so achavaõ, que eraõ perfeitamente engrandecidos os louvores dos seos heroes, com os ap- [pág. 50^a] os applauzos septenarios =

Aeneid. l. 1. *Terque quaterque beati*

*Quj ante ora patrum Trojae sub moenibus altis
Contigit oppetere...*

E Genebrardo in Coment. c 5: = *Deus terque quaterque felix.* Sette dias esteve sem comer, nem beber o triste Orfeo chorando a triste auzencia de sua querida consorte:

Ovidio

Septem tamen ille diebus

*Squallidus in ripa Cereris sine murmure sedit.
Cura, dolorque anima, lacrimaque alimenta fuere.*

De admiração pode servir o que dis Berchorio, tirado de Odorico; que em certas partes das Indias, sette dias continuos cada anno sahem os peixes as prajas do mar, deixando-se caçar dos Indios pobres, athe que passado o settimo dia se retiraõ os que ficaõ ao cêyo do mar: *dicit Odoricus in libello suo, quod ipse fuerat in quibusdam Indiae partibus, in quibus singulis annis pisces ad littora confluebant, ut se capiendos pro libito per septem dierum spatium exhibebant usque ad terram, etiam transliebant, et tamen exacto spatio a praedictis cessabant:* Reduct. Moral. l. 14. c. 64. Este mesmo Douto no cap. 65. tirando do mesmo Odorio da noticia huã fonte consagrado a Báculo, que nas suas festas por espaço de sette dias se convertia em gostozissimo vinho: *Idem dicit in Andro Insula in templo Liberi patris esse fontem, qui nonis Ianuarii (a sinco de Janeiro) vini saporem semper per septem dies continue fluebat;* sette dias de mantimento de lébre dis Gèlia faz os semblantes dos homens mais formozos; a isto responde Marcial zombando do mesmo Gèlia:

Si quando leporem mittis mihi, Gèllia dicis
 Formosus septem, Marce, diebus eris
 Si non derides, si verum, lux mea, narras;
 Edisti nunquam Gellia, tu leporem.

Sette

[Pág. 51] Sette horas esteve Adam nas dilicias do Parayso; e sette horas Christo no alto da cruz dis Guilhelmo Onciano c. 7. de mundo: *Septem horis fixus cruci. Septem horis in Paradiso Adamum cum Eva, quidam constituunt.* Sette luzes mandou Deos que juntas em hum Candieiro alumeasse ao santuario: Exod. 35. Sette cellos tinha aquele misteriozo livro do Apocalypse. 5. onde dis Laureto Sylva Alleg. de num. = *Septem sigilla libri clausi designant mysteria Christi.* E finalmente entre muitos e munto grandes Santos sette foraõ os principaes que a Deos sacrificou esta Provincia ex Hymno S. Jsidorii =

Hi sunt precipui luminis indices
 Torquatus, Ctesiphon, atque Hesichius,
 Hic Jndaletius, sive Secundus,
 Juncti Euphrasio, Caecilioque sunt.

Entrou Santiágo a pregar nas Espanhas primeiro que os mais Apostolos, e principiando nesta Provincia, nella converteo alguns discipulos; porem eu so tratareij daquelle Principe da Igreja Padroeiro excelso, o santo famozo, Torquato, que bem encheraõ suas virtudes o *terque, quaterque beati* do poeta Aeneid. l. 1. Mas para sabermos quem he este horoe, qual foj a sua prozápia, he necessario advertir o seguinte:

Depois de grandes, e muito fortes batalhas que os Romanos tiveraõ com os filhos desta Provincia por espaço de 40 annos, por fim a sujeitaraõ ao seo Imperio, como he bem notorio entre os Historiadores, e o mostra Carlos de Rué nas nottas do v. 841. Aeneid. 1. 6. = *Cato... est prudens Consul anno unbis conditae 559. anno sequenti de Hispania triumphavit;* e no v. 843. *Grachus qui Praetor de Hispaniae Citeriore... triumphavit anno urbis conditae 576.* e depois venceo tambem toda a Lusitania, e finalmente os filhos desta Provincia de entre Douro, e Minho, a quem chamaõ Calaicos, ou Galegos; Estrabaõ Geograf. l. 3. pag. 144... *Decius Junius*

Brutus non solum Lusitanos in Hispania domuit... sed etiam Calêcos Lusitaniae finitimos. Esta opiniaõ segue Ignacio Barboza nos feitos da an- [pág. 52] da antiga Lusitania tom. 1 § 3. Gaspar Estação, e outros: melhor que todos o dice o Evagelista S. Lucas no cap. 2. falando do Edito de Cesar para as terras do seo dominio: *exit edictum à Caesare Augusto, ut describeretur universus orbis:* dizem estes AA. citados, que entrou Cezar a dominar o mundo 250. annos antes da vinda de Christo. Estava quasi todo o mundo subjeito ao Imperio Romano, e em todas as partes estavaõ Governadores Cidadãos de Roma; na Cidade de Braga Corte da sua Chancelaria, e por toda esta Provincia, como melhor, que todas se demoravaõ, e faziaõ acento o povo, e gente mais luzida dos Romanos, esquecendose das proprias terras, se ficavaõ nesta, como captivos da sua bondade.

Vejo Santiago pregar a esta Provincia onde converteo a fé de Christo entre muitos a sette discipulos, entre os quais floreceo no jardim Evangelico S. Torquato natural desta villa de Guimaraens como dis Fr. Bernardo de Brito na sua Monarchia Lusit., e se comprova de hum Epitafio Gotico, que estava no templo de Santiago da mesma villa, antiguamente dedicado a deosa Ceres, o qual adverte Fr. Gil de S. Bento da Ordem Benedictina; Fr. Joaõ do Apocalypse; Fr. Agostinho de S.^{ta} Maria; e o mesmo Fr. Bernardo por estas formaes palavras: = *No rocío, ou praça de Guimaraens esta hum templo, que foj da Gentilidade, he de obra Mosayca, magestoso, e antiquissimo... a este destruhio Santiago vindo a esta terra, onde bautizou a S. Torquato* = destas palavras se collige, que he S. Torquato natural de Guimaraens; porque estando nequelle tempo toda esta Provincia povoada de Gentilismo, era precizo, que os varoens Apostolicos procurassem as gentes, para lhes annunciarem a lux da graça nas suas proprias terras. Mandou Christo, que os Santos Apostolos preguassem pello mundo o Sagrado Evangelho a todo o Racional: *euntes in mundum universum praedicate Evangelium omni creaturae:* como luz do mundo alumeavaõ estes faroês a todo o viador; nem as gentes podiaõ procurar estas vozes Evangelicas, se não fossem primeiro procuradas dos mesmos Apostolos Sagrados: hiaõ estes como manços cordeiros sacrificar suas vidas entre lobos ferozes: *ecce ego mitto vos, sicut agnos inter lupos:* procuravaõ os [pág. 53] os Apostolos as gentes para lhes annunciarem a ver-

Chrogop Port.
t. l. 1.1. c. 8.

vide sic a fo-
lhas 164.

Marc. 16

Luc 10.

dadeira fê, e as gentes para lhes anunciarem a verdadeira fê, e as gentes nem assim queriaõ ouvir suas doutrinas: por isso digo, que bem se infere ser S. Torquato natural de Guimaraens onde foj convertido, e bautizado por Santiago Apostolo; pois não he crível, que hum homem pagam viesse de outra terra procurar a luz do Evangelho, sem primeiro ser alumeado da luz do mundo.

A esta opiniaõ favoresse muito Fr. Agostinho de S.^{ta} Maria Sanct. Marian. tom. 4. l. 1. tit. 51. onde falando de Nossa Senhora da Victoria, que está no padram junto a Senhora da Oliveira de Guimaraens dis = *vemse aos lados da Senhora de huã parte S. Damazo Papa natural da mesma villa, e da outra S. Torquato Bispo, e Martyr, cujo corpo esta inteiro huã legoa distante da mesma villa* = Estas mesmas imagens estão nos dois pes, que faz o arco da capella mor da mesma Collegiada, onde da parte da parte do Evangelho esta S. Damazo, e da parte da Epistola S. Torquato, e se procurarmos a razaõ, por que esses Antigos colocaraõ neste lugar a S. Damazo, e não outro qualquer santo em seo lugar, pairesse responderaõ, que so devia ser S. Damazo; porque he natural da mesma villa; agora digo eu se S. Damazo foj posto naquelle lugar por ser natural desta villa; por que cauza colocaraõ a S. Torquato da outra parte senaõ pella mesma razaõ? Se me responderem que S. Damazo mereceo esta collocaçaõ por ser Padroeiro da villa; tambem S. Goalter, primeiro Guardiam que foj do Convento do meo Padre S. Francisco desta villa, e nella tem seos sagrados ossos, he Padroeiro da mesma, e mais nem por essa cauza o pozeraõ da outra parte donde se infere foraõ collocados S. Damazo, e S. Torquato por serem ambos filhos da terra, e como taes os devemos venerar.

Alem do dito; para hum santo ser natural de huã terra, villa, ou lugar basta que nella fosse convertido, tenascido na fe, isto he bautizado como o prova S. Ieronimo no Epitafio Napolitano tom. 1. Epist. = *ab eo tempore censemur, ex quo in Christo regeneramur*. E S. Paulo ad Galat. 4. = *Filioli mei, quos iterum parturio, donec formetur Christus in vobis* = He certo, que pello nascimento natural se faz o homem natural daquelle lugar onde nasce l. 1. ff. ad municipalem & l. Cives C: de inculis l. 10. L. filios c. de municipibus, et originar. l. 10. Da mesma sorte se ad. [pág. 54] adquire pello bautismo, como disse o mesmo Legislador a Nicodemos Ioan. 3. = *oportet vos*

nasci denuo... nisi qui renatus fuerit ex aqua, et Spiritu Sancto; e expressamente o explicaõ os Iuristas. Lucas de Pen. in d. L. cives sub n° 3. Rebuf. in tract. de pacif. possessor ib. n° 217. = *quod si Judaeus externus baptisaretur in Regno Franciae, efficeretur statim regnicula*. E bem o prova Barbosa de Off. et potest. Epist. p. 2. alleg. 4. n. 3. L. 2. das Partidas partit 4. tit. 24. donde se mostra evidentemente ser o nosso S. Torquato natural de Guimaraens. Cardozo Agiolog. Lusit. = Para constituir a hum Santo natural de hum Rejno, Cidade ou lugar, ou lhe pertencer como proprio basta qualquer dos titulos... do nascimento temporal, ou espiritual pello bautismo... e finalmente da possessão de reliquias = assim Molano nos Santos de Italia. Theophilo Raynaudo in indiculo Sanct. Lugdunensium. Fr. Vicente Domenec. na historia dos Santos de Catalunha, e outros muitos que todos provaõ o nosso asserto, nem tam grande Santo podia ser natural de outra terra, que não fosse desta grande villa, e antigua Corte.

Muitos Authores escreveraõ da fundação desta nobre, illustre, leal, e sempre fiel villa de Guimaraens, dizendo huns, que foj fundada por Vimarano Godo Irmaõ de ElRej Fróila, mais de 160 annos antes da vinda de Christo, como segue Gaspar Estaço, e outros: dizem outros, que tomou o nome de huã quinta da Condeça Muma Domna, chamada Vimaranes, na qual se fundou a villa; mas nos prosiguiremos com clareza, e rectidaõ, descobrindo novi caminho, e certo, ainda não seguido dos Escriutores; direj que a nossa villa de Guimaraens se devide em duas partes huã a que chamâmos villa velha, antiguamente foj grande povoação, e illustre Cidade a que os Antigos chamâraõ *Apollonia*, e depois *Aradúca*, como dis Ptolomeo l. 2. geog. c. 6.: falando das Cidades de entre Douro, e Minho: *quae ad mare protenduntur inter fluvios Minium, et Doriam tenent Callaici Bracharij, in quibus civitates hae sunt, Brachara Augusta, Caledunium, Pinetus, Compluta, Tanto-briga, Araduca*: e o Padre Mestre Fr. Philippe de La Gandara no seo li- [pág. 55] livro intitulado: *Armas, y triumphos de los hijos de Galicia* c. 17. n° 3. dis que esta Cidade *Aradúca*, he a que agora chamamos Guimaraens = *Pusu su corte el Conde D. Enrique en la muy noble villa de Guimaraens, llamada de los antigis Aradúca* = e esta he a razaõ por que alguns Authores, como Osorio diceraõ, que entre os Rõs Ave, e Vizélla estava cituada a Cidade de Guimaraens = *inter viscéla, et Avi*

pág. 127

pág. 64

confluenteis Vimaranensis est Civitas = porem este nome de Cidade só competia aquella parte da villa, que chamamos villa do Castello; esta foj antiquissima, fundada pellos Gallos Celtas 500 annos antes da vinda de Christo ao mundo, sempre com honras de Cidade como dis Estaço, e outros muitos.

Mas como o tempo he o major verdugo de todo o creado, pello decurso dos annos foj em decadencia de sua grandeza athe ficar hua pequena povoação, a que chamavaõ burgo; claramente se mostra isto daquella Provisaõ em que mandou ElRej D. Afonso 2. que os Conigos de Guimaraens ajudacem, e defendessem aos Burgenses no pleito, que estes traziaõ com o Ordinario, por cauza da Igreja de S. Miguel do Castello, entaõ immediata ao Papa: dis a Provisaõ: *In Ecclesiis autem extra Burgum, in quibus Vimaranensis Ecclesia jus obtinet patronatus... praeterea actum fuit, ut si Burgenses Vimaranenses in quaestione, quam dicunt se habere contra Archiepiscopum Bracharensem, non potuerint per se, vel per communes amicos concordare, Prior, et Canonici Vimaranenses sine offensa Archiepiscopi juvent eos: da quaes palavras, se ve que ja neste tempo era este Burgo tam lemitado, que naõ podia por si deffenderse, sem favor do Prior, e Conigos da Igreja de Guimaraens que tinha de Padroádo nas mais Igrejas fora do Burgo.*

Entaõ entrou a ser mais lemitado, quando a gente começou a povoar aquella parte, que fica fora dos seos muros velhos, os quais principiando na porta, que vaj para a Rua do câno, chamada agora porta de Santa Barbara rodeavaõ athe a por-[pág. 56] a porta que chamamos de Santo Antonio (por estar defronte do seo Convento) e atravessando por aquella terra que occupaõ as Religiosas de Nossa Senhora do Carmo na sua Cerca, ahi tinhaõ outra porta, desta continuavaõ athe a de Santa Cruz, e daqui tornavaõ a fichar na de Santa Barbara; por esta porta dizem sahiaõ a gente da Cidade para a fonte chamada da Dourada na Rua do câno; a porta de Santa Cruz chamavaõ porta da Frieira, e por ella sahiaõ para outra fonte, chamada da Condeça, que esta por detraz da Capella; à porta, que correspondia a de Santo Antonio chamavaõ da Guarrîda; e à outra por onde era o caminho para o Porto, Vianna, Villa do Conde etc. chamavaõ porta de Via maris, como dizem com outros Estaço: desta porta se sahia por huã quinta, que por estar junto a porta, lhe chamavaõ a quinta de Viamàris.

Esta quinta correndo os annos foj possuida da Condeça Muma Domna, na qual esta Senhora fundou o Mosteiro de Nossa Senhora da Oliveira, chamado entãõ Santa Maria no anno 937., o qual he agora Collegiada Real; e como esta quinta era mais abundante de agoas concorreo logo mais gente deixando o Burgo, e habitando a quinta, e fazendo hum grande lugar, a que chamavaõ *Viamaris*, e depois com pouca corruçaõ *Vimaraens*; isto se clarefica da doaçaõ que fes D. Ramiro 2. ao Mosteiro da Senhora da Oliveira, e a sua Abbadessa D. Muma Domna, em que lhe faz merce da quinta de Millares em Riba do Douro, a juntamente do lugar de Guimaraens. Saõ estas as palavras: *Ego servus Ramirus tua dispositione huic Regno indeptus elegi ex magnificentia nostra tribuere in locum S. Salvatoris, et S. Mariae semper Virginis in loco praedicto Vimaranes, ut constarem tibi Colàza mea Mumma villa nostra propria Mellares, quae est juxta amne Durio; cum suos Villares per terminibus antiquis utrãque ripa Durio etc. facta series testamenti XV. Kalend. Iunii, Era DCCCCXXXVIII.* Vem esta doaçaõ no livro do Conde de Miranda. Isto segue Antonio de Carvalho da Costa Chorograph. Portug. tom. 1. l. 1 c. 1. por seo modo Con- [pág. 57] Conservou este nome athe o anno 1090. quando o Conde D. Henrique lhe deu o foral de villa = *in Dei nomine ego Comite D. Henrico una pariter cum uxore mea Infanta D. Theresia placuit nobis pro bono pace, et voluntate, quod facimus cartam de bonos foros ad vos homines, qui venistis populare Vimaranes, et ad illos, qui ibi habitare voluerint;* como se pode ver na torre do tombo livro 2. das couzas de entre Douro, e Minho; deolhe o foral de villa conservando sempre o mesmo nome, que tinha tomado da quinta *Viamaris*, ou *Vimaraens*; o mesmo vocabulo latino dá indicios desta noticia. *Vimaranum*, de *viamaris*, e naõ *Guimaranum*.

Este he o verdadeiro nome, e fundação verdadeira da nossa villa, e naõ por *Vimaranano* Godo, como querem alguns menos advertidos, julgando que a villa velha do Castello tivera tambem esse nome *Vimaraens*, o que he falso; nem con verdade se pode proferir; e muito mais que sendo a villa velha fundada no anno 500. antes da vinda de Christo, como dizem os mesmos, que seguem a fundação por *Vimaranano*, e vivendo este *Vimaranano* Godo 160. annos antes da vinda do mesmo Senhor como esses mesmos affirmaõ, impossivel se mostra a sua fundação por *Vimaranano*, a qual fundação tinha sido

340. annos antes da sua existencia. Esta razão era bastante para mostrar que da quinta Via maris, e depois Vimaraens, tomou a nossa villa o nome de Vimaraens, e depois com pouca corrupção Guimaraens.

A esta villa emnobreceo o Conde D. Henrique com muitos privilegios, como aquelle em que mandava, que nenhum Cavalleiro se recolhesse em casa dos moradores de Guimaraens contra sua vontade, e que nenhum official de justiça se atrevesse a entrar em casa dos Burgenses não querendo elles: *nullo Cavallario non habeat pousadam in Vimaranes, nisi per amorem domini sui, et nullum sagionem non sit ausus* [pág. 58] *ausus intrare in casa de burges per mala voluntate*; onde tambem mostra a differença, que se fazia dos Vimaranenses, e dos Burgenses: *non habeat pousadam in Vamaranes, et non sit ausus intrare in casa de burges*. ElRej D. Deniz concedeo aos filhos desta villa, que não pagassem tributo em qualquer parte do Rejno; e que por qualquer parte que fossem ningem os offendessem, e se algum os agravassem a justiça do lugar lhe desse morte de traidor, dis Gaspar Estaço, que vira o traslado feito em Braga a instancia dos de Guimaraens.

Esta villa foj o gloriozo berço dos principaes homens do Rejno, odoriferas flores, e candidos lirios do jardim Luzitano: de hum Damazo Santo Pontifice: do primeiro Cardeal, de hum Torquato Bispo e Martyr, e de hum Affonso Henriques primeiro Monarcha do Luzo Imperio, que por suas virtudes mereceo falar com o Supremo Rej de todas as Magestades, quando no campo de Ouriúque tímido em dar batalha, lhe appareceo o mesmo Senhor confortando-o, e animando-o ao vencimento de sinco Rejs Mouros, e dandolhe por armas as sinco chagas, favor especial da sua misericordia: nem se devem ouvir os que com mas intençoens querem escurecer estas luzes da nossa gloria; porque alem dos Autores nacionaes, como mais advertidos, e certificados deste favor, muitos são os Estrangeiros, que esta verdade afirmaõ; hum douto Berchorio; hum piedozo Guinther Medit. 16. = *cum anno Domini 1112. contra quinque Mauro-rum Reges pugnaturus in Campum descendisset, et jam jam in agro Auriquio ultra Tagum... intuens infinitam infidelium multitudinem in maximam animi deveniret tristitiam. Rex Alfonsus ad Christum Jesum, et hunc Crucifixum se recepit, et confugit, qui in splendidissima nubis columna versus Orien-*

tem in cruce longa extensus illi nocte apparuit, planeque jussit, ut forti animo in aciem descenderet... Confide Alfonse, confide non solum hoc certamen vinces, sed et omnia... volo in te, et in semine tuo Imperium mihi stabelire... et [pág. 59] et erit mihi santificatum, et fide purum, et pietate dilectum.

Esta mesma verdade confirma a Igreja a quem se deve dar todo o crédito; como se le no officio das Chagas que para este Rejno concedeo o Papa Benedito 14. o qual se reza na sexta feira depois da cinza, onde dis tirando de S. Bernardo de Passion. Dom. = *Fertur enim, quod Dominus Jesus Cruci affixus Alfonso Primo, cum quinque Arabum Regibus proelium inituro, in agro Ouriquiensi apparens, eique insperatam victoriam promittens, jussit, ut ex proelio, quo humanum demeret, regale insigne componeret: indeque sanctissimis Christi vulneribus in toto Lusitano Imperio peculiaris devotio haberi coepit... Quas Lusitanum Imperium in Regale insigne mirabiliter assumpsit.* E acrescenta Antonio Paes Viegas fol. 116. = *Dilectus es Domino: posuit enim super te, et super semen tuum post te oculos misericordiae suae usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles; sed in ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit:* e dis o Padre Spinola: *providebit:* l. 3. ser. 2. Cordel triplicado. Fr. Bernardo de Brito. p. 1. Chronic. Cirters. l. 3. c. 3.

Deolhe o Redemptor as cinco Chagas por armas, para defeza do Rejno, para honra da Nação. Glorioso muito embora Espanha com o forte Leam, que Portugal tem as armas de outro melhor Leam do tribu de Iudâ; Leam para desbaratar aos seos contrarios, e manso cordeiro para favorecer aos seos vassallos. Jacte-se tambem França com as suas flores de Liz; que a nossa Luzitania tem nas cinco Chagas, mais ditozas, e rubicundas flores da melhor Roza. De cinco folhas deve comporse a bem formada roza, dis Berchorio Reduct. Moral. Verb. *Rosa: Rosa in quinque foliolis continetur.* Estas cinco Chagas saõ os furames da pedra, e as cavernas da terra, onde a pomba santa vive segura da ave de Rapina: *columba mea in foraminibus petrae, in caverna maceriae;* Cant. 2. 24. [pág. 60] 24. *Per furamina petrae vulnera manuum, et pedum Christi, libenter intellexerim, cavernam vero maceriae vulnus lateris, quod lancea factum est:* dis S. Gregorio. Estas são aquellas cinco pedras, com que David venceo o grande Goliath: estas aquelles cinco paens, com que Christo no dezerto recreou a multidaõ

faminta: istae quinque plagae... figuratae in quinque lapidibus limpidissimis de torrente, quibus armatum David Goliath, id est diabulum superavit; figuratae etiam in quinque panibus, quibus Dominus in deserto turbam famelicam recreavit; dis Berchor. Dicion. verb. Plaga.

No Apocalypse 2. v. 12. dis Christo, que ha de dar ao vencedor hum manà escondido, e hua pedra, tanto alba, como precioza, e nesta pedra escripto hum nome novo, o qual ningem o entende, senaõ o mesmo que o Recebe: *vicenti dabo mana absconditum, et dabo illi calculum candidum; et in calculo nomen novum scriptum, quod nemo scit, nisi qui accipit.* Ao grande D. Afonso Henriques vencedor de sinco Rejs Mouros deu Christo huã pedra de armas, e nella escripto hum nome novo; porque entaõ novamente vejo feyto Rej do Luzo Imperio; pairesse que a proposito o disse a Glosa ordinaria: *Scriptum quinque literis scilicet quinque vulneribus.* Constituhio Rej de Portugal, e para que se visse que este era Imperio do Senhor da gloria: *Imperium mihi stabelire,* deolhe as mesmas armas, que a Christo aclamaõ tambem Rej.

No alto da Cruz alcançou Christo o titulo de Rej: *Jesus Nasarenius Rex:* e dis Santo Agostinho Ser. 178. de tempore, que sinco vezes, se acclamou Rej, louvores merecidos, e coroa alcançou pellas armas das sinco Chagas: *Christus quinque dicitur Rex gloriae, pronomero vulnerum acclamant Regiam dignitatem.* E Leblanc in Ps. 23. *et introibit Rex gloriae: dis = Rex gloriae ab quinque plagas in cruce acceptas.* por [pág. 61] pro cauza das sinco chagas mereceo Christo ser Rej da gloria; estas sinco chagas saõ as armas do Rejno de Christo; e como Portugal he do mesmo Christo tambem ditozo Reino, da Christo ao seo Vice Rej D. Afonso Henriques as sinco Chagas, para armas felices do Rejno; para que conheça o mundo, que este he do Rej da gloria felix Imperio; felix, porque como dis São Bernardo Ser. 61. in Cant. so militando debaixo do estendarte das sinco Chagas esta a victoria segura dos inimigos: *non firma, tutaque securitas, nisi in vulneribus Salvatoris.*

Estas sinco Chagas saõ aquellas sinco Cidades do Egypto, das quais a principal era chamada Cidade do Sol; disse Cartagêna l. 14. hum. 13. de Christi Resur.: *quinque Christi vulnera, quinque illas securas Aegypti urbes crediderim, quarum maxima solis civitas vocabatur, quae majus lateris vulnus dénotat.* Saõ as ditozas fontes do Paraizo, que regando a terra

com a cristalina agoa incarnada, produzio formozissimas flores, e jacintos de celestial pureza: *Ex quo latex ille purpureus ex vulneribus Iesu manans terram aspersionem, pulcherrimi flores, et hyacinthi coelestis puritatis vernant.* Estas são as excellencias das armas Luzitanias, sempre temidas dos seus contrarios, sempre victoriozas dos seus inimigos; este he o favor especial concedido ao Monarcha Luzitano, e esta he a gloria do Luzo Imperio; favor especial, que so concedeo ao Rejno de Portugal, e a minha Sagrada Religião Seraphica, vinculandoos no amor fraternal os Portuguezes, e os Franciscanos, como ja disse Macedo na p. 1. c. 5. excel. 5. = No tiene comparacion esta merced, el no ver hecho Dios a otro persona alguna de mas de Portugal sino despues al Seraphico Padre S. Francisco, quando se dió las mismas llagas, haziendolo por este modo hermanos los Portuguezes, y S. Francisco, y tomandolos a todos por hijos, pues es cierto, que no pueden traer las mismas armas, sino los de la misma familia. = As [pág. 62] As suas prodigiozas cinco Chagas, quis Christo dar a estas duas familias Portugueza, e Seraphica; porque nascendo em pequeno berço, de pequeno povo crescesse grande familia em continuos triunfos: *nollite timere pusillus grex. Pusillus grex, qui non de magno minuitur, sed crescit de pusillo;* ambas estas familias crescerão, e crescerão tanto, que a todo o mundo chegou o seu dominio; da minha Religião Seraphica ninguem nega a sua grandeza, extensaõ, e gloriosos triumphos, enchendo o inferno de terror, a terra de sciencia, e virtudes, e ao Empyreum de santos. Isto mesmo fizeram os varoens Portuguezes temidos dos Infernos, queridos da gloria, e venerados na terra: tantos doutos, tantos virtuosos, e tantos veneraveis, e innumeraveis santos que não cabendo em hum pequeno Rejno na extensaõ, por todo o mundo foraõ espalhando luzes as suas virtudes; *ite Angeli mei ad gentem convulsam:* o qual texto querem com o Mestre Fr. Luis da Natividade filho desta Seraphica Provincia de Portugal que se entenda dos Portuguezes; Genebrardo in Ps. 67.: *cui ministerio* (de levar as luzes Evangelicas a todo o mundo) *Portugalenses... in suis ad illos populos navigationibus, et conversionibus jam ab anno 1500. inseruiunt.*

Para credito desta verdade basta falar em hum S. Damazo, que principiado a luzir no Occidente espalhou seus Rajos de santidade la no Oriente; sendo na Italia sol da Igreja Catho-

lica, Supremo Pontifice do verdadeiro Deos; não attendo nos aquelles, que emulos de tantas glorias, para a nossa villa de Guimaraens lhe quizerão chamar seo; mas para se verificar a sua falsidade basta termos pella nossa parte entre outros muitos Andre de Resende na carta, que escreveo a Bartolomeo de Cabedo Conego de Toledo, onde se queixa de alguns Authores o quererem sem ser seo. Gaspar Estaço. Gaspar Barreiros in Chrog. tit. Madrid. Fr. Bernardo de Brito 2. p. Monarch. l. 5. tit. 49. §. 2. Trithemio de script. Eccl- [pág. 63] Ecclesiast. Berlarmino in Chron. anno 370. Ambrosio de Morales l. 10. cap. 4. Garibai in Compon. hist. 1. p. l. 7 v. cap. 52. Pineda Monarch. Eccles. p. 2. l. 13. c. 23. Dom Mauro de Castella. Ferrer in hist. D. Ioc. l. 2. c. 23. O Cardeal Baronio tom. 4. anno 384. Padilha na hist. Eccles. cent. 4. c. 56. Hum Martyriologio antiquissimo da Jgreja de Palencia onde dis = *Natale Sancti Damasi Hispani Vimaransensis*. Baseu tom. 1 anno Domini 387, onde dis = *Fuit hic natus Vimarans opido Portugaliae*. Morales l. 1. c. 40. Marieta l. 5. c. 1. Genebrardo l. 3. Panuino de Romano Pontifice. Illescas hist. Pontif. l. p. l. 2. Fr. Antonio da Purificação Sanct. Marian. tom 4. l. 1. tit. 51. Antonio de Souza de Macedo c. 9. Osorio = *inter Viscellae, et Avi confluentes* (em lugar de *confluentes*) *Vimaransensis est Civitas quondam patria Sancti Pontificis Damasi*. Agora vejaõ os contrarios se tantos homens doutos erraraõ nesta historia: confessem o seo erro, e sigaõ o termo da verdade, por não naufragarem nas impoladas ondas da ignorancia sem norte fixo, que os encaminhe, sem batel seguro que os salve, e sem taboa, a que se apeguem em tam grande tormenta de opinioens contrarias todas verdadeiras de homens doutos nacionaes, e outros estrangeiros.

E sendo, como he, S. Damazo natural da nossa villa de Guimaraens nos apparese mais outra estrela a nossa gloria, a qual se chama Jria, irmã do mesmo santo Pontifice, a qual fazendo jornada, para Roma viveo na clausura santamente, e morreo no amor do Altissimo; na sua sepultura mandou o Papa seo Jrmaõ esculpir o seguinte Epitaphio, na Igreja de S. Sebastião onde esta enterrada:

*Hoc tumulo sacrata Deo nunc membra
Quiescunt,
Et soror est Damasi, nomen si quaeris,
Herena, etc.*

Della

[Pág. 64] Della escreveu afirmando ser Portugueza, e Jrman de S. Damazo o Cardeal Baronio no tom. 4 dos Ann. Ecclesiastic. anno 384.

Parese que Deos quis que sempre esta villa fosse perpetuo berço de infantes da gloria, maj daquelle invicto Martyr S. Juliaõ, de quem falla Flavio Dextro na sua Omnimoda hist. ad annos Christi 95. e o acomenta Bivar, dizendo: *Aradûcae in Bracara gloriatur natali Sancti Juliani Martyris*, etc. Esta Cidade Aradûça dis Floriaõ de Campo, que he a villa nobre de Guimaraens, e bem o mostra o mesmo Bivar quando diz, que esta Cidade Aradûça estava nos lemîtes de Braga: *Araducæ in Bracara*. O mesmo dis Ptolomeo l. 2. Geog. c. 6. = *Quæ ad mare protenduntur inter fluvios Minium, et Doriam tenent Callaici Bracharij, in quibus civitates hæe sunt. Brachara Augusta, Caladunium, Pinetus, Complutica, Tuntobriga, Aradûça. E o Padre Mestre Fr. Phelipe de la Gândera no livro intitulado; Armas, y triunfos de los hijos de Galicia c. 17 n.º 3. diz = Puso su corte el Conde D. Enrique en la muj noble villa de Guimaraens llamada de os antigos Aradûça.*

Que honra naõ deraõ tambem a esta villa aquelles servos de Deos unidos nos nomes, e nas virtudes, hum Fr. Balthezar de Guimaraens Religiozo de meo Padre Saõ Domingos, obrando prodigiosos milagres na sua vida, e morrendo santamente no Convento da sua Ordem na villa, e agora Cidade de Aveiro no anno 1548. como dis Fr. Luis de Souza na 2. p. da Chronic. desta Provincia. O outro Fr. Balthezar de Guimaraens a quem mandou do Convento da Costa, onde era morador e filho o Cardeal D. Henrique para ser Mestre dos Noviços no de Penna Longa, donde obrando prodigios tornou dar sua alma ao Creador na casa, que lhe deo o ser da Religiaõ junto do anno 1590. como conta Cardozo Agiologio Luzitan. tom. 2. a 12 de Março. Neste mesmo convento floreceo em virtudes, e louvor eterno o Padre Fr. Jgnacio de Semide. O Padre Fr. Gonçalo de Guimaraens Mestre em Theologia, e filho de [pág. 65] de meo Padre Saõ Domingos, que nesta villa com prodigios passou a gozar da vista de Deos, anda no Martyrologio dos Santos da mesma Ordem, onde dis a 7. de Fbr.º: *Frater Gondiçalus Lusitanus, in conventu Vimarânsi post multa praeclara morum, et miraculorum ornamenta felicem diem clausit extremum.*

E como a minha Seraphica Religião em materias de Sanctidade a todas empunha o Real estendarte, não quis deixar esta villa sem lhe dar hum filho seo, que fosse santo, aquele São Fr. Rodrigo de Guimaraens, varaõ insigne em todo o genero de virtude, a quem Deos honrou com o dom de Prophecia, e graça de fazer milagres, cuja fama divulgada por toda a Hespanha. No tempo que viveo este servo de Deos houve grande scisma na Jgreja contendendo Urbano 6., e Clemente 7. sobre o Pontificado; e como ElRej D. Joaõ primeiro de Castella, pellas instancias de Carlos Rej de França desse obediencia a Clemente 7. mandou a Rainha D. Joanna sua Maj certos Religiosos a esta villa de Guimaraens a saber de São Fr. Rodrigo, a qual Pontifice devia seo filho obedecer; porque como era couza de Deos, e não de homens, devia somente constarille da divina vontade. Chegaraõ os Mensageiros a sua presença, illustrado do divino Espirito, antes de lhe dizerem alguã palavra, nem perguntarem alguã couza, lhes disse o servo de Deos:

= Sabei que a Rainha, que vos mandou ja he falecida, e que
 = ElRej D. Joaõ seo filho persuadido do iniquo conselho de Carlos
 = Rej de França ha de seguir as partes do Antipápa Clemente,
 = e por isso Deos o ha de castigar severamente. O Francez, prin-
 = cipal motor deste scisma ha pouco que morreo, e jaz sepultado
 = no inferno, onde com horrendos, e eternos tormentos pagara
 = a gravidade da sua culpa =

Retiraramse os Religiozos outra ves a Hespanha, a acharaõ certo, tudo o que ouviraõ ao servo de Deos. A Rainha, e o Rej de França mortos, e o de Hespanha obstinado, para não seguir o verdadeiro Pontifice; em comprimento de cuja Prophecia o castigiu Deos rigurozamente perdendo [pág. 66] do a acção, que pertendia a este Rejno de Portugal, perdendo a flor de Hespanha, com tantos mil homens na memoravel batalha de Aljubarrota, como ja mostrej a fol. 25. não logrou o Rejno de Castella; porque morreo cahindo de hum cavallo, tendo 32. annos de idade.

O nosso Sancto morreo, e foj gozar das delicias Angelicas no anno 1382. O seu corpo foj sepultado no mesmo convento de São Francisco de Guimaraens; mas passados poucos tempos pertenderaõ os Conegos desta villa furtrar o corpo de São Goalter primeiro Guardiam na ditta villa, ou com mais clareza do primeiro convento que foj por sima de villa verde, onde agora chamaõ fonte sancta, ou fonte de São Goalter; porem não

podendo mover este sancto corpo, que milagrosamente se portou immovel, e como pedra fixa, foraõ ao do Saõ Fr. Rodrigo, e o levaraõ, assim o dis Cardozo Agiolog. Luzit. t. 1. die 12 de Janeiro. Gaspar Estaço nas Antiguidades de Guimaraens cap. 42. E Gonzâga dis que esta este sancto corpo sepultado na ditta Colegiada junto a sancristia, e que a cabeça sancta, que se venera entre as Reliquias do Santuario (a qual se da a beijar aos mordidos de caens damnados) he a deste servo de Deos. D. Affonso Furtado de Mendonça no 2. c. de Limina Apostolor. no anno 1625. governando a Igreja de Braga delle fez mencaõ (como de Sancto) enviando a Sanctidade do Papa Urbano 8. Outros muitos Authores delle escreveraõ como se podem ver em Cardozo ubi supra.

Tambem este convento logra as Reliquias daquella veneravel D. Constança de Noronha, segunda mulher do primeiro Duque de Bragança D. Afonso Conde de Giron, e Noronha, e de sua mulher D. Isabel, elle filho de ElRej D. Enrique 2. de Castella, e ella de ElRej D. Fernando de Portugal; nasceo esta serva de Deos em a villa de Guimaraens e nella morreo, e esta sepultada no convento de meo Padre Saõ Francisco da mesma villa como se mostra na sua sepultura.

*Alphonsi Ducis hoc conjux
Constança Noronha
Conditur in tumulo.*

[Pág. 67] Foj terceira da minha sagrada Ordem, viveo sanctamente e morreo no anno 1480. obrando prodigiosos milagres, dando vista a cegos, saude aos infermos, e sarando os coxos, e aleijados, com aclamaçoens de santa, e com especial graça de dar saude aos febricitantes: muitos de seos milagres se autenticaraõ nesta villa no anno 1488. cujos originaes se conservaõ no cartorio da Serenissima caza de Bragança; desta serva de Deos fazem mançaõ D. Affonso Furtado, e D. Agostinho de Castro ambos Arcebispos de Braga nas vizitas que cada hum em seo tempo mandou a Romana Curia dando conta do estado, e sanctos da sua diocesi. Gonzaga na historia Seraph. tit. Prov. Port. Conv. 3. Fr. Luis dos Anjos no jardim de Portugal n. 100. D. Rodrigo. da Cunha na 2. p. da hist. de Braga c. 58. Lousada in Epist. ad Ortelium, por estas palavras: *Vimaranò Domina Constançia Brigantiae Dux, Alphonsi uxor, ut sancta colitur ad S. Francisci coenobium.*

Porem como a primeira ordem de meo Padre São Francisco illustrou esta villa com a santidade de seos filhos, não faltando a treceira a esta honra, justo era que a segunda ordem não desmerecesse; pois no Mosteiro de Santa Clara da mesma villa que foj fundado pello Mestre Escolla da mesma Collegiada Balthezar de Andrade, com ajuda da Jnfanta D. Jsabel, no anno 1559. com fundadoras, que vieraõ do Mosteiro da villa da Amarante da mesma Ordem, deo entre muitos que floreceraõ, e ainda hoje florecem, aquella Serva de Deos, avultada nas virtudes, a Soror Maria da Conceição, que faleceo no anno 1607., e por suas virtudes mereceo voar a fama da sua santidade nas pennas subtis da Religiaõ Seraphica, entre as almas venturozas da sua Ordem, eternizada nas suas Chronicas.

Esta nobre villa foj tambem o gloriozo berço do primeiro Cardeal do Rejno Luzitano, aquelle Governador da guerra sacra, Thesoureiro Mor, que tinha sido nesta Real Collegiada, o Cardeal Albãno, bem conhecido por seo nome grande. Não [pág. 68] não foj este o unico, que deo esta illustre Collegiada; porque D. Jorge da Costa sendo Prior della, foj Protector, e Regedor da Universidade de Lisboa, e seo Arcebispo, confessor, e Capellam Mor de ElRej D. Affonso 5. e seo Embaixador a Castella, o qual no anno 1476. alcançou do Papa Xisto 4. o capello purreo do titulo dos Santos Marcello, e Paulo, e passando a Roma foj Bispo Portuense, e Albanense, e alcançou outras muitas dignidades, e grandes honras com augmento de Rendas: chegou a ser Decãno do Collegio Apostolico, Legado de Veneza, e Ferrara; e esteve igual em votos para ser Papa com o Cardeal Borja, que no Pontificado se chamou Alexandre 6. largou a pertençaõ, ficando com o governo de Portugal; tendo 102 annos morreo no de 1508. esta sepultado em Roma em huã capella, que tinha mandado fazer em Santa Maria do Populo, ao seo sepulchro mandou escrever o Papa Julio 2.

*Georgius Lusitanus Episcopus Portuensis,
S. R. E. Cardinalis Ulixponensis, etc.*

Isto dizem Onuphirio em suas Cardeas; Chaçaõ de vitis Pontificum; Uglelio in Jtalia Sacra. Duarte Nunes na discripsaõ de Portugal. Faria. D. Rodrigo da Cunha. Macedo, etc.

E ja que fallei no Papa Saõ Damaso quero tambem advertir que no mesmo tempo que hum Papa Portuguez governava a cadeira Apostolica, governava tambem o Ceptro Jmperial

Chronograph.
Port. t 1.
l. 1. c. 1.
vide ibi pag.

Theodoso 1.º, de naccaõ Portugues de huã antigua Cidade desta Provincia de entre Douro, e Minho, chamada Couca, foj este Jmperador restituidor da paz, destruidor dos idólatras, pio restaurador dos templos, acerrimo persiguidor dos Hereges, terror grande dos Sarmatas, Hunos, e Godos; e finalmente fervorozo propagador da fé Catholica; fazendo com authoridade do Santo Pontifice Damazo congregar Concilios, nos quais as herezias de Arrio, e Macedonio se condenaraõ; e vivendo sanctamente acabou no anno 395. delle reza a Jgreja Grega, que na Latina *hic* (in Catalogo Sanctor. dis Equilino l. 11. c. 93) *hic à Graecis conscribitur, et confessoris sanctissimi nomine veneratur.* [Pág. 69] Naõ faltaraõ Hespanhoes, que acostumados a honraremse com os nossos Sanctos e varoens esclarecidos o quizeraõ fazer natural da Cidade de Hespanha chamada Jtalia; porem ou foj porque naõ leraõ os Authores gravissimos, ou se os leraõ cegos da paixãõ titubearãõ. Zozimo autor Grego contemporaneo do mesmo Jmperador, sem paixãõ o faz desta Provincia quando dis: *Theodosius natus Caucae Galleciae oppidi.* Idacio: *Theodosius natione Hispanus de Provinciae Galliciae, civitate Cauca.* A estes seguem Baronio, e Spondano anno 379. Bivar in Dextrum ad annum 384. Sandoval in Idacium. Esta villa Cauca dis Bivar que estava situada nesta Provincia, como se ve do Authores e de Claudiano nos Pane-gyricos de laude Serenae, que era sobrinha de Theodosio, filha de seo Irmaõ onde mostra ser da Provincia de Galliza de Portugal, que he esta Provincia de entre Douro, e Minho como ja mostrei a fol. 37.

Hinc senior pater: hinc juvenum diademata fratrum, etc.

Te nascente ferunt per pinguia culta tumentem

Divitijs vidase Tagum. Callesia risit.

Floribus, et roseis formosus Duria ripis, etc.

E por naõ molestar mais, quem quizer ver esta historia, leja Cardozo no Analog. Lusit. tom. 1. Coment. a 17. de Janeiro.

Sempre os Escriutores Hespanhoes cuidaraõ em engrandecer o seo Rejno com os nossos Santos, ou porque os antigos Portuguezes deixando o leve rasgo da penña, andavaõ feitos Martes nos Campos; ou porque na multiplicidade das virtudes naõ lhes fazia falta tam grande roubo. A Saõ Damazo quizeraõ dizer que era de Madrid; e Saõ Vicente, e suas Irmans naturaes

de Evora fizeram de Talavéra de la Reina: o corpo de São Vicente Aragonez que esta em Lisboa, quizeraõ tirar a Portugal pello dar a França, e outros muitos como se pode ver nas historias; e vendola de longe aquella varaõ famozo, de virtude rara, e santidade grande, o nosso São Torquato Bispo, e Martyr discipulo de São Tiago Apostolo, de illustre condicaõ, de geraçaõ nobre, o quiz tam [pág. 70] tambem Juliano sem attençaõ furtar.

Era o nosso São Torquato descendente dos Torquatos Romanos; pois como tenho mostrado a fol. 56. nesta Provincia existiaõ muitos Romanos nobres, ou com occupaçoens em governos, ou ja feitos nacionaes. Deste parecer he D. Rodrigo da Cunha na historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga, onde posto, que confuzo no individuo, teve luz clara, e conhecimento cabal da Genealogia; mas como falla do nosso São Torquato, que está junto de Guimaraens poderá ser de algum autor que delle falasse esta noticia; dis elle: nasceo São Torquato... de familia nobre, que trazia a sua descendencia dos Torquatos Romanos, etc. Jsto tambem seguio Estaço; porem para major clareza devemos advertir nas antiguidades: era sem contradicãõ, que os Antigos, principalmente no seculo, em que nasceo o nosso São Torquato, era costume invariavel, porem os pais aos filhos nomes dos seos ascendentes.

Nesse seculo morreo o grande Baptista, e tratando os parentes do nome que lhe haviaõ de dar, determinaram chamarlhe Zacharias, nome de seo Paj: *vocabant eum nomine patris sui Zacharias*; onde dis Lyra que este era o antigo costume: *quia istud antiquitus fuit satis communiter observatum*. Naõ quis Santa Jsabel sua Maj, que esse fosse o seo nome, mas que se chamesse Joaõ. dis o mesmo texto: *respondens mater ejus, dixit: nequaquam, sed vocabitur Joannes*; entãõ admirados os parentes de ser contra o costume, naõ convinhaõ que o minino tivesse nome, que naõ fosse de algum dos seos antepassados: *dixerunt ad illam; quia nemo est in cognatione tua, qui vocetur hoc nomine*; de sorte, que naõ costumavaõ por nome a filho algum que naõ fosse da sua geraçaõ. Admiravamse todos do Baptista ter nome diferente dos seos parentes: *admirati sunt universi. Mirantur omnes ex novitate nominis*, dis Philipe Dias Luzitano na Summas Predicaveis. E Maldonado: *quando et mater cum nemo in [pág. 71] in tota gente sua esset, qui eo nomine vocaretur, Joannem vocari*

voluisset. E dis o mesmo douto, que costumavaõ entaõ por aos meninos os nomes de seos pais, ou parentes: *colligitur consuevisse infantibus nomina patrum, aut cognatorum imponere. Hunc enim secuti morem non alia ratione Joannem Zachariam vocare voluerunt... haec ejus aetatis consuetudo fuit.* Este foj o costume daquelle tempo; por isso claro se deixa ver, que he descendente dos Torquatos Romanos o nosso Saõ Torquato.

So na lei da graça se variou este costume, dandose commumente aos meninos os nomes dos Padrinhos, e tomarem os homens os nomes dos Santos, o que naõ era antiguamente e sendo o nosso Santo nascido antes da lei da graça, naõ podia tomar o nome no baptismo do padrinho; porque certamente o naõ teria; nem de algum Santo porque antes delle naõ houve Santo que tivesse nome de Torquato; mas sim chamouse Torquato, nome que lhe provinha dos seos ascendentes, bem conhecidos pellas suas façanhas, e nobreza bem clarificada nas historias; mas para que naõ fique totalmente escurecida a sua genealogia, direj algũa couza dos seos nobres, e illustres ascendentes.

Se pella antiguidade se augmenta a nobreza das familias, qual sera mais illustre, que a dos Torquatos Romanos? No principio da fundação de Roma, ja esta familia occupava os melhores lugares no Senado, e no governo da republica. Quem poderá publicar as grandes façanhas de Marco Manlio, Consul Romano, que foj governador, e defensor do monte Capitolio, do templo, e da Fortaleza Tarpeja, nos principios da fundação de Roma, quando ainda o palacio do Monarcha Romulo estava coberto com palha, ou colmo, pellos poucos annos de sua fundação? Virg. Aeneid. lib. 8. v. 824.

*In Summo Custos Tarpejae Manlius arcis
Stabat pro templo, et Capitolia celsa tenebat
Romuleoque recens horrebat regia culmo.*

Onde

[Pág. 72] Onde dis o Doutor Gaspar Pinto Correa, no Comentario ao mesmo lib. = *recens is est paucis annis antea constructa.*

Estando Marco Manlio Governador da Fortaleza Tarpeja, pertenderaõ em huã nojte os Francezes entrar no Capitolio; mas sendo sentidos de huns ganços, ou patos, que famintos

estavaõ no templo da Deoza Juno, os quais por sua honra tinhaõ guardados vivos:

*Atque hinc auratis volitans argenteus anser
Porticibus Gallos in limine adesse canebant.*

entraraõ a gasnar, e a bater as azas, fazendo estrondo com ellas; acordou Marco Manlio, varaõ claro nas batalhas, e tomando as armas despertou aos mais, que estavaõ de guarda; mas temendo elles sahir ao encontro, foj elle so ao lugar por onde os Francezes subiaõ (que era hua penha ingreme por onde queriaõ tomar o Capitolio) e ferio com sua lança ao primeiro que estava mais alto, e este cahindo, fez cahir o segundo, e este aos outros que subiaõ detraz delle, e estes aos mais todos que o seguiaõ; de sorte que de hum golpe foraõ todos desbaratados, e e alguns mortos pellos Romanos, que depois se ajuntaram ao Governador Marco Manlio. No outro dia foraõ todos applaudidos da façanha, e entre elles o Governador Marco Manlio, a quem apremiaraõ de commum consentimento como o clarifica Fr. Pedro de Vega da Ordem de Saõ Ieronimo, traductor re Tito Livio na lingoa Hespanhol década 1. lib. 1. c. 13.

Ainda que major premio deviaõ dar aos ganços, ou patos, que com seo estrondo foraõ a cauza da Romana victoria; estavaõ estes dedicados ao templo da Deoza Iuno, e por esta memoria sempre no Capitolio se sustentaraõ alguns, e todos os annos festejavaõ este triumpho, dis Antonio Verdério, e Picinelo = *Anser Capitolio insideni, illud stridore suo ab hostibus defendet*; firmandose todos no Poeta l. 8. v. 652. vide supra. E Carlos de Rue ibi = *anseris Iunoni sacri, quibus in summa fame obsessi peperserant, clangose suo milites excitavere: hi Gallos* [pág. 73] *Gallos repulserunt Marco Manlio Duce, qui trienio antea consulatum gesserat*. Depois desta batalha se esculpio no alto Capitolio por insignia huã destas aves, ficando tambem na caza, e familia de Marco Manlio honrozadas armas de seo triumpho; porque os sujeitos valerosos, que por sua virtude obraõ alguã façanha, e proeza digna de louvor, os instrumentos desta victoria lhes servia depois de insignia de sua nobreza; assim aos Machados; Cunhas, Madeira, etc. praxe que ainda no mundo Rejna.

(Continua)